



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO

Alysson Lucas de Oliveira Bezerril

**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM ÁREAS URBANAS: LIMITES E
POSSIBILIDADES PARA O BAIRRO DE MÃE LUIZA - NATAL/RN**

Natal - RN

2025

ALYSSON LUCAS DE OLIVEIRA BEZERRIL

**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM ÁREAS URBANAS: LIMITES E
POSSIBILIDADES PARA O BAIRRO DE MÃE LUIZA - NATAL/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Turismo, na área de Turismo e Desenvolvimento Regional

Orientador: Guilherme Bridi, Dr.

Coorientador: Michel Jairo Vieira da Silva, Dr.

Natal

2025

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências Sociais Aplicadas - CCSA

Bezerril, Alysson Lucas de Oliveira.

Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas: limites e possibilidades para o Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN / Alysson Lucas de Oliveira Bezerril. - Natal, 2025.
96f.: il.

Dissertação (Mestrado em turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Natal, RN, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Guilherme Bridi.

Coorientação: Prof. Dr. Michel Jairo Vieira da Silva.

1. Turismo de Base Comunitária - Dissertação. 2. Áreas urbanas - Dissertação. 3. Premissas - Dissertação. 4. Ministério do Turismo - Dissertação. 5. Mãe Luiza - Dissertação. I. Bridi, Guilherme. II. Silva, Michel Jairo Vieira da. III. Título.

RN/UF/Biblioteca CCSA

CDU 338.48-6

Alysson Lucas de Oliveira Bezerril

**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM ÁREAS URBANAS: LIMITES E
POSSIBILIDADES PARA O BAIRRO DE MÃE LUIZA - NATAL/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Turismo, na área de Turismo e Desenvolvimento Regional.

Orientador: Guilherme Bridi, Dr.

Natal, 30 de Outubro de 2025.

Guilherme Bridi, Dr.

Presidente da Banca Examinadora
PPGTUR - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Michel Jairo Vieira Araújo da Silva, Dr.

Professor Coorientador
DETUR - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Leilianne Michelle Trindade da Silva Barreto, Dra.

Examinadora Interna
PPGTUR - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Almir Félix Batista de Oliveira, Dr.

Examinador Interno
PPGTUR - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Darlyne Fontes Virgínio, Dra.

Examinadora Externa
IFRN- Instituto Federal do Rio Grande do Norte

*Ao bairro de Mãe Luiza,
onde nasci, criei-me
e desenvolvi minha consciência de classe*

*À Adeilma Aguiar de Oliveira, Akalilson de
Araújo Bezerril e Aleckssander Lucas de
Oliveira Bezerril por todo suporte e por me
ensinarem a amar a vida; às demais pessoas da
minha família que me forneceram seu apoio e
torcida*

*À Crévio Gentil Bezerril e Fátima Maria de
Araújo Bezerril (in memoriam) que lutaram,
foram base, construíram sonhos e pontes e
nunca deixaram de ser inspiração. E, mesmo
sem estarem fisicamente e sem aparecerem nas
páginas que seguem, foram parte essencial.*

*À presença que tornou os dias difíceis mais leves
e as conquistas mais significativas,*

*Aos amigos que caminharam junto a mim nos
bastidores deste percurso, dividindo sorrisos,
silêncios e incentivos discretos*

*Aos filhos de Mãe Luiza que ainda acreditam e
lutam com a esperança de ver o Morro um dia
ter vez e ser um lugar melhor a cada novo dia*

*E no morro, eu estou mais perto de Deus
(Marcelus Bob)*

BEZERRIL, A. L. O. (2025). *Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades para o Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RESUMO

Nos últimos anos têm-se uma crescente nas discussões acerca do Turismo de Base Comunitária (TBC) como forma de desenvolvimento local e fator de incremento social e econômico. O modelo alternativo da atividade turística comumente é observado sua prática e disseminação em contextos rurais, mas via de regra, entende-se que há uma perspectiva de enquadramento do TBC em contextos de áreas urbanas que são socioeconomicamente desfavorecidas, desiguais e estão às margens do processo de turistificação. Nesta perspectiva, explora-se o Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas (TBCAU) que potencialmente vai tratar de um contexto pobre, desfavorecido e marginalizado. Para além disso, tratar sobre TBC requer discorrer, reforçar e seguir as premissas e os princípios designados pelo Ministério do Turismo no Brasil (MTUR). A partir disso, concebe-se o objetivo da pesquisa que é analisar os limites e possibilidades para o Turismo de base comunitária em áreas urbanas (TBCAU) no Bairro de Mãe Luiza (Natal/RN), tendo como foco as premissas propostas pelo MTUR. Tão logo se torna importante se debruçar sobre esse tema pois pouco se explora e problematiza academicamente o TBC em limítrofes citadinos, e devido ao atual cenário de alcance e visibilidade do turismo de base comunitária. A metodologia utilizada baseia-se na pesquisa de abordagem qualitativa e tem caráter exploratório e descritivo, com realização de pesquisa empírica que tem na sua coleta de dados análise bibliográfica, encontros de grupo focal, pesquisa documental e observação direta. Os resultados evidenciados acerca dos limites e as possibilidades do TBC em áreas urbanas marginalizadas e socioeconomicamente desfavorecidas, podem realçar o alcance ou distanciamento das premissas propostas pelo MTUR. Mãe Luiza, como locus desta pesquisa demonstra ser um bairro que se aproxima das premissas, mesmo diante de diversos desafios, mas entende-se que atingir todas elas em sua completude seria algo difícil de alcançar. Por fim, o intuito é também apresentar o desenvolvimento de estratégias que consigam dar subsídios para a apropriação do turismo pelo bairro, além disso, este estudo enfatiza a forma responsável de se praticar o turismo, possibilitando o desenvolvimento comunitário da localidade.

Palavras-chave: Turismo de base comunitária; Áreas Urbanas; Premissas; Ministério do Turismo; Mãe Luiza

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior Brasil (CAPES) - Código do Financiamento 001.

ABSTRACT

In recent years, there has been an increase in discussions about Community-Based Tourism (CBT) as a form of local development and a factor for social and economic growth. The alternative model of tourist activity is commonly observed in its practice and dissemination in rural contexts, but as a rule, it is understood that there is a perspective of framing TBC in contexts of urban areas that are socioeconomically disadvantaged, unequal and are on the margins of the process. of tourism. From this perspective, Community-Based Tourism in Urban Areas (TBCAU) is explored, which will potentially address a poor, disadvantaged and marginalized context. Furthermore, dealing with TBC requires discussing, reinforcing and following the premises and principles designated by the Ministry of Tourism in Brazil (MTUR). From this, the objective of the research is to analyze the limits and possibilities for community-based tourism in urban areas (TBCAU) in Mãe Luiza Neighborhood (Natal/RN), focusing on the premises proposed by MTUR. As soon as it becomes important to look into this topic as little is explored and academically problematizes TBC in city limits, and due to the current scenario of reach and visibility of community-based tourism. The methodology used is based on qualitative research and has an exploratory and descriptive nature, carrying out empirical research that includes bibliographical analysis, focus group meetings, documentary research and direct observation in its data collection. The results regarding the limits and possibilities of CBT in marginalized and socioeconomically disadvantaged urban areas can highlight the scope or distance from the premises proposed by the Ministry of Tourism (MTUR). Mãe Luiza, the locus of this research, demonstrates a neighborhood that approaches the premises despite several challenges. However, it is understood that achieving all the premises in their entirety would be difficult. Finally, the aim is also to develop strategies that can provide support for the appropriation of tourism by the neighborhood. Furthermore, this study emphasizes the responsible way of practicing tourism, and enables the community development of the locality.

Keywords: Community-based tourism; Urban Areas; Premises; Ministry of Tourism; Mãe Luiza

LISTA DE FIGURAS

Figura 1..... 15
Figura 2..... 16
Figura 3..... 38
Figura 4..... 40
Figura 5..... 41
Figura 6..... 42
Figura 7..... 43
Figura 8..... 44
Figura 9..... 45
Figura 10..... 46
Figura 11..... 47
Figura 12..... 65

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Organização metodológica.....	33
Quadro 02: Codificação de atores da pesquisa.....	36
Quadro 03: Desenvolvimento de estratégia de TBC.....	73
Quadro 04: Limites e Possibilidades do TBC em Mãe Luiza.....	78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 PROBLEMÁTICA.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	14
1.3 OBJETIVOS.....	17
1.3.1 Objetivo Geral.....	17
1.3.2 Objetivos específicos.....	17
2. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA - TBC.....	17
2.1 CARACTERIZAÇÃO CONCEITUAL DO TBC.....	17
2.2 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM ÁREAS URBANAS - TBCAU.....	20
3. PREMISSAS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (MTUR).....	23
3.1 AUTOGESTÃO.....	24
3.2 COOPERAÇÃO.....	26
3.3 SOLIDARIEDADE.....	27
3.4 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL.....	29
3.5 INTERCULTURALIDADE.....	30
3.6 EQUIDADE SOCIAL.....	31
4. METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO.....	32
4.1 COLETA DE DADOS.....	34
4.1.1 Instrumento de coleta de dados.....	35
4.2 CRITÉRIOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	35
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	36
5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	36
5.1.1 Levantamento e Mapeamento dos Recursos Turísticos do Bairro de Mãe Luiza.....	37
5.1.2 Correlação das Premissas de Turismo de Base Comunitária propostas pelo Ministério do Turismo à realidade do Bairro De Mãe Luiza - Natal/RN.....	48
5.1.3 Proposição e discussão sobre Iniciativas de Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas de acordo com à realidade do bairro de Mãe Luiza, a partir da percepção dos atores sociais da localidade.....	66
5.3.4 Desenvolvimento de Estratégias para Implementação de Turismo de Base Comunitária no Bairro Mãe Luiza;.....	71
5.3.5 - Limites e Possibilidades do Turismo de Base Comunitária em Mãe Luiza.....	76
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
7. REFERÊNCIAS.....	82
8. APÊNDICES.....	89

1. INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMÁTICA

A consolidação do turismo de massa, observada a partir da década de 1950, elevou a atividade em termos de estruturação e geração de valor econômico, a patamares nunca antes vistos na história. Essa massificação é responsável por alterar as dinâmicas sociais e causar profundas transformações em destinos. Conforme Pereira (2021), os interesses de agentes do mercado imobiliário e o setor público são os principais fatores que promovem as transformações de lugares turísticos, porém, cabe avaliar qual será a natureza dos impactos gerados por essas transformações.

Isso posto, evidencia-se que a falta de controle e de planejamento acerca do uso turístico de um local pode, por exemplo, levar a um cenário de congestionamento de visitantes e saturação do destino, também conhecido como *overtourism* (Rodrigues, 2021). Esse excesso de presença humana em destinos pode gerar impactos negativos de diferentes ordens, sociais, culturais, ambientais, econômicas, entre outras.

Como forma de mitigar os efeitos do turismo de massa não planejado, muito se tem discutido no sentido de buscar formas de organização e gestão turística alternativas, pautadas por uma lógica mais responsável e sustentável.

A discussão acerca do Turismo de Base-comunitária (TBC) vem sendo pautada desde que se entende que a atividade pode ser um modelo alternativo para o crescimento descontrolado do turismo tradicional (Mendes, 2022). Diferentemente da modalidade convencional, o TBC, para autores como Lima et al. (2022) carrega a perspectiva de não somente de representar uma localidade mas, também, como uma proposta de mitigar possíveis efeitos - sobretudo em comunidades locais - dessa turistificação de massa como era visto outrora.

No cenário brasileiro, essa tendência de busca por modelos de gestão mais responsáveis no turismo é observada igualmente no campo das políticas públicas. Não obstante, em 2023, o Ministério do Turismo produziu material referente ao Turismo Responsável, com enfoque em três dimensões: Sustentabilidade, Segurança Turística e Turismo de Base Comunitária.

Especificamente no caso do TBC, foram desenvolvidos diversos documentos, com destaque para propostas para uma política nacional (Brasil, 2023a), bem como indicadores para TBC em destinos (Brasil, 2023b)

Nos documentos em questão, foram estabelecidas premissas que devem compor (em tese), uma experiência de TBC, pois estão em consonância com “marcos conceituais, políticos e o desenvolvimento de ações observados no Brasil” (Brasil, 2023a, p. 18). Tais premissas estão organizadas em seis, sendo as mesmas: Autogestão, equidade social, solidariedade, cooperação, responsabilidade socioambiental e interculturalidade (Brasil, 2023a). Ademais, considera-se que a junção de tais premissas têm papel fundamental, porque indubitavelmente caracteriza um avanço nos marcos teóricos do Turismo de Base-comunitária.

Apesar desses importantes avanços no campo teórico e político, o cenário ainda é desafiador quando o foco recai para a dimensão prática das experiências de TBC. Pressões de agentes externos e da cultura de massa “impositiva” são elementos característicos do clássico conflito global x local apontado por Santos (2002) e certamente dificultam o processo de desenvolvimento e manutenção de propostas de TBC em comunidades. Neste sentido, o que se percebe, muitas vezes, é que promissoras iniciativas são interrompidas/descontinuadas pela falta de apoio e mobilização junto às comunidades com potencial para experiência de TBC duradouras.

Outro aspecto importante é o local onde as comunidades estão inseridas. Tradicionalmente, vincula-se a ideia de TBC em espaços predominantemente rurais (Mtapuri & Giampiccoli, 2020), uma vez que boa parte dos povos e comunidades tradicionais, principais públicos alvos, se localizam nessas regiões, no Brasil é necessário destacar também áreas litorâneas, ribeirinhas e quilombolas e um exemplo clássico é o estudo da prainha do canto verde um dos pioneiros nos estudos de TBC no Brasil. Contudo, existem também relatos de experiências de TBC em áreas urbanas, embora ainda existam poucas publicações científicas que possam registrar essas experiências.

Foram coletados dados utilizando bases de dados de pesquisas. A escolha da nacional se deu pela plataforma de *periódicos da capes* e pela plataforma *Google Acadêmico*. Na plataforma de periódicos da capes, somente 4 artigos tratam do TBC mas nenhum remete ao estudado em áreas urbanas, e na plataforma do google acadêmico diversos estudos foram publicados mas todos no campo das teorias do TBC e somente 1 foi encontrado, sendo ele o estudo da Favela de Santa Marta que trata de uma iniciativa de TBC mas não discute totalmente o TBC em áreas urbanas, vai tratar acerca da iniciativa de TBC na localidade. Diante disso, é demonstrada a escassez de estudos quando somente em 2020 aparece o trabalho pioneiro focado em áreas urbanas, a pesquisa de Mtapuri & Giampiccoli, 2020.

Por área urbana, este trabalho se utilizará da compreensão de que se trata de “área fisicamente integrada numa cidade de grande ou média dimensão, caracterizada por uma importante porcentagem de área construída, uma elevada densidade de população e de emprego e redes significativas de infra-estruturas” (Cemat, 2011, p. 01)

O estudo realizado por Mano et al. (2017) buscou investigar os efeitos do TBC em ações turísticas da Favela de Santa Marta/RJ. Como resultados, os autores identificaram que as “alternativas de turismo baseadas no empoderamento e no protagonismo dos moradores podem tornar a prática turística em favelas socialmente mais comprometida.” (p. 414). Em complemento, o trabalho pioneiro de Mtapuri & Giampiccoli (2020) visou justamente desmistificar a ideia de que o TBC ocorre apenas no espaço rural, abordando o desenvolvimento de experiências de TBC no contexto urbano, sendo denominadas por eles de CBUT (community-based urban tourism), cuja tradução livre do autor desta dissertação será Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas, TBCAU.

A obra de Mtapuri & Giampiccoli (2020) considera que o TBCAU destina-se especificamente a contextos urbanos desfavorecidos e marginalizados, muitas vezes localizados em regiões periféricas da cidade.

Corroborando nessa questão, Cejas (2006) cita o poder de atratividade de áreas periféricas, sendo estas incorporadas na nova economia pelo seu caráter “exótico”. Como símbolos e significantes deste fenômeno, a autora destaca as “Villas miseria”, localizadas em Buenos Aires, as ‘favelas’ do Rio de Janeiro e Joanesburgo e Cidade do Cabo, no cenário do apartheid (Cejas, 2006).

Trazendo a discussão sobre possibilidades de se desenvolver modelos de gestão do TBCAU em Natal - RN, destaca-se o Bairro de Mãe Luiza. O hoje conhecido como Bairro de Mãe Luiza é uma comunidade periférica localizada na zona leste de Natal, literalmente uma periferia encrustada em área nobre (Bezerril e Silva, 2022), que tem seus limites com bairros e lugares da cidade tanto com perspectivas residentes, como turísticas. Apesar de ter seus limites territoriais com belezas naturais que são exuberantes como o parque das dunas e a zona litorânea que compõe a via costeira e as praias urbanas de Miami e Areia Preta, o bairro ainda percorre um longo caminho até que se possa usufruir do turismo como atividade proveniente de recursos para a comunidade.

O bairro de Mãe Luiza por diversas vezes aparece como uma espécie de “corredor turístico” com suas vias de acesso para locais mais comumente utilizados para o fim de lazer, seja residente ou turístico. A comunidade tem especificidades que necessitam de olhares

voltados aos seus atrativos pois ainda são pouco evidenciadas para o apelo turístico. Apesar dessas questões, a comunidade dispõe de inúmeras manifestações culturais com as quadrilhas, roda de capoeira, escola de samba; de espaços turísticos como o farol de Mãe Luiza, Escadaria de Mãe Luiza, Parque das Dunas, Paisagem panorâmica da orla; e personalidades importantes como o Artista Marcelus Bob, André Nascimento, e Clodoaldo Silva.

Nesse sentido, considerando os seguintes pontos: a) A atual produção científica sobre TBC possui pouca ênfase em experiências urbanas; b) No cenário brasileiro, percebe-se, nos últimos anos, maior preocupação em desenvolver políticas públicas de TBC; c) As premissas de TBC propostas pelo MTUR (Brasil, 2023b); d) A perspectiva de TBCAU proposta por Mtapuri & Giampiccoli (2020); e) Crescimento do interesse turístico em áreas urbanas periféricas; e f) A potencialidade cultural do Bairro de Mãe Luiza, este trabalho chega à seguinte questão-problema: *Quais seriam os limites e possibilidades do Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas (TBCAU) no Bairro Mãe Luiza (Natal/RN), tendo como parâmetros as seis premissas de TBC propostas pelo Ministério do Turismo MTUR?*

A perspectiva de trabalhar limites e possibilidades decorre justamente das concepções de turismo de base Comunitária enquanto modelo de gestão que promova oportunidades/possibilidades de geração de bem-estar, renda e inclusão social à comunidades, ao mesmo tempo que impõe limites, especialmente aos interesses econômicos e mercantis que servem prioritariamente à forças exógenas e grupos dominantes.

Este trabalho se encontra dividido nos seguintes tópicos. No capítulo 2, aborda-se o referencial teórico onde se percorre os caminhos conceituais acerca do Turismo de Base Comunitária, em que se debruça o modelo de gestão da atividade turística, com isso, se destrincha em dois subtópicos o 2.1 sobre conceituação do TBC e o 2.2 onde se focaliza em conceituações acerca do Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas. No capítulo 3, se esmiúça as premissas do Ministério do Turismo do Brasil sobre o TBC, sendo elas divididas nos subtópicos: 3.1 - Autogestão; 3.2 - Cooperação; 3.3 - Solidariedade; 3.4 - Responsabilidade Socioambiental; 3.5 - Interculturalidade; 3.6 - Equidade Social. No capítulo 4, aborda-se a metodologia e as estratégias de ação utilizadas nesta pesquisa. No capítulo 5, têm-se as expectativas dos resultados, onde se apresenta e analisa os resultados deste trabalho.

1.2 JUSTIFICATIVA

Diante dos impactantes avanços comunicacionais e tecnológicos, observados com maior ênfase nos últimos anos, as dinâmicas que envolvem o uso turístico de espaços ganharam novos contornos. Locais que outrora eram pouco conhecidos, hoje podem ser amplamente divulgados por meio de campanhas de promoção em redes sociais e de influenciadores digitais, o que tornam esses espaços mais acessíveis à turistas ávidos por novas experiências.

Apesar dessa realidade possuir, de fato, aspectos positivos em se tratando de desenvolvimento e estruturação de novos destinos turísticos, há que se preocupar com os impactos que a falta de planejamento e/ou gestão desordenada podem causar nesses locais.

Nesse sentido, justifica-se a busca por estudar novos formatos de gestão turística, como é o caso do turismo de base comunitária, que consiste num modelo distinto de gestão em turismo, cujas comunidades apresentam um papel de protagonismo nos processos de tomada de decisão (Mendes, 2022).

Para o Ministério do Turismo, o TBC consiste em formas de gestão do turismo focadas no protagonismo e na participação comunitária, que sejam compromissadas com solidariedade, cooperação, trocas culturais e proteção da natureza (Brasil, 2023a).

Não obstante, desenvolver estudos sobre experiências de TBC em áreas urbanas periféricas adiciona ainda mais originalidade ao trabalho, uma vez que o poder de atratividade turística destes espaços vem crescendo ao longo dos anos (Cejas, 2006; Mtapuri & Giampiccoli, 2020).

O Bairro Mãe Luiza, escolhido como local de pesquisa, possui população aproximada de 14.959 (Natal, 2012). O Bairro apresenta ainda muita proximidade geográfica das zonas turísticas da cidade de Natal (ver Figura 2) o que, para Mtapuri & Giampiccoli (2020) consiste num fator de grande relevância.

Além disso, o bairro é tradicionalmente conhecido por sua diversidade cultural. Dentre essa riqueza de manifestações culturais, destaca-se a escola de samba, a presença de quadrilhas juninas, sendo estas também alternativas de lazer para a comunidade (Soares et al., 2022), como também opções para atrair turistas para visitaçoão ao local.

Figura 1

Mosaico fotográfico da manifestação Cultural da Quadrilha Junina.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do Arraiá Padre Piná*.

No tocante à produção científica sobre TBC no Brasil, percebe-se nos últimos anos, um avanço considerável no desenvolvimento de novos trabalhos e pesquisas na área. Contudo, ainda existem poucos estudos que relacionem o TBC especificamente com áreas urbanas. Em consulta a portais de periódicos como Google Acadêmico, Scielo e Web of Science foram encontrados poucos trabalhos que possuam relação direta com a temática deste estudo, dados estes que evidenciam a existência de lacunas científicas na área - e que essa pesquisa pode colaborar.

A essas questões, alia-se o fato de que no Programa de Pós Graduação em Turismo (PPGTUR) da UFRN, tem-se registro (até a presente data) de cinco trabalhos acadêmicos em formato de dissertação ou tese que possuam o TBC como tema central, não havendo entre eles enfoque específico em áreas urbanas.

No campo político também se encontra respaldo para justificar este estudo, uma vez que já existem tratativas para a elaboração de um Projeto de Lei que institua a Política Estadual de Turismo de Base Comunitária do RN, seguindo movimentos semelhantes de outros estados brasileiros os quais já instituíram suas políticas estaduais de TBC.

Figura 2

Mapa de proximidade do Bairro de Mãe Luiza com atrativos/loais turísticos.



Nota: Recuperado e adaptado de *Natal: Mapa informativo, Prefeitura Municipal do Natal*.

Além disso, desenvolver o Turismo de Base Comunitária também é considerado como uma das formas de fortalecer as comunidades receptoras, uma vez que abranda os efeitos da especulação imobiliária que a área em questão (Bairro Mãe Luiza), vem sofrendo nos últimos anos (Bezerril e Silva, 2022). Nesse sentido, destaca-se a relevância social que este trabalho possui por se tratar de assuntos que levam diretamente para o desenvolvimento de territórios desfavorecidos em diversos âmbitos.

Corroborando nessa discussão, Souza (2013), destaca que, segundo os moradores do bairro, se há o interesse do mercado imobiliário

[...] decorre do fato de que Mãe Luiza é um bairro privilegiado em termos de serviços (escolas, creches, unidades de saúde, comércio etc), infraestrutura (estradas pavimentadas, iluminação pública, etc) e, principalmente, por sua localização geográfica próxima ao mar e as áreas centrais e nobres da cidade. (p. 62-63)

Ademais, esse estudo advém de interesses particulares do pesquisador e morador do bairro, onde se pensa em uma devolutiva pessoal para a comunidade como forma de

desenvolvimento e melhoria em diversos âmbitos, incluindo o de qualidade de vida e mudança na perspectiva de ver o turismo como fonte promissora e proveniente de uma comunidade onde torna-se marginalizada em diversos momentos e aspectos. Com isso, existe também o interesse de torná-la protagonista nesse processo de potencializar o turismo como fator de incremento social. Além disso, existe uma inquietação de como todo o entorno da comunidade se utiliza - mesmo que em poucos momentos - do turismo e o bairro sempre às margens desse processo de turistificação.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar os limites e possibilidades para o Turismo de base comunitária em áreas urbanas (TBCAU) no Bairro Mãe Luiza (Natal/RN), tendo como foco as premissas propostas pelo MTUR.

1.3.2 Objetivos específicos

- A. *Levantar e mapear os recursos turísticos do bairro de Mãe Luiza;*
- B. *Correlacionar as premissas de Turismo de Base Comunitária propostas pelo Ministério do Turismo à realidade do bairro de Mãe Luiza - Natal/RN;*
- C. *Propor uma discussão sobre iniciativas de turismo de base comunitárias em áreas urbanas de acordo com a realidade do bairro de Mãe Luiza, a partir da percepção dos atores sociais da localidade;*
- D. *Desenvolver estratégias para implementação de Turismo de Base Comunitária no bairro Mãe Luiza;*

2. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA - TBC

2.1 CARACTERIZAÇÃO CONCEITUAL DO TBC

Embora ainda seja comum tratar o turismo com suas perspectivas arraigadas na geração de emprego e renda, como constituído pelo paradigma do turismo de massa, revelar uma outra faceta da atividade turística torna-se intrínseca para dar início ao entendimento do Turismo de Base Comunitária.

O turismo, ainda que um fenômeno antigo, tem seu potencial dinamizado na contemporaneidade no Brasil e no mundo. Tratá-lo somente como via geradora de emprego e

renda acaba por ser uma visão, de certa forma, reducionista, visto que tal atividade pode envolver outras dinâmicas - em todo o seu processo - que podem sair do discurso objetivo de acúmulo de capital, para envolver dimensões culturais, sociais e ambientais que podem gerar agendas e efeitos positivos.

Desde a segunda metade do Século XX o Turismo vive momentos de expansão que perpassa por transformações em suas formas de praticar a atividade (Alban, 2006). No final desse mesmo século, no ápice dos eventos ambientais que discutiam os direcionamentos da sustentabilidade e demais vertentes que estavam preocupados com o esgotamento de recursos naturais (Feil et al., 2016), no âmbito do turismo se começa a instigar a produção e análise de modelos alternativos para a atividade turística que vai culminar, entre outras agendas e novos arranjos (aliados a preocupação ambiental, valorização cultural e autonomia popular) - no TBC.

O que se nota é que a expansão dos pensamentos e planejamentos sobre o turismo alcançou a demanda turística:

A observação das tendências da demanda turística mundial, deixa entrever, com efeito, que esse tipo de modelo de produção de serviços turísticos não está mais totalmente em uso com a evolução das necessidades que o mercado exprime. A demanda turística tornou-se mais exigente, variada e variável. (Zaoual, 2008, p. 3)

Com isso, torna-se factível enxergar que essa demanda vai em busca de algo mais autêntico, tornando-se assim mais exigente, Zaoual (2008) “Concretamente, a clientela procura verdadeiros sítios que combinam a autenticidade e a profundidade do intercâmbio intercultural [...]” (p. 3) , neste ponto se consegue pontuar a diferença entre os dois tipos de atividade turística, ao passo que o Turismo de Massa prioriza o lucro e a grande escala o Turismo de Base Comunitária também visa o lucro - devido o turismo ser intrinsecamente uma atividade econômica -, mas parte do pressuposto onde se prioriza a vivência, autenticidade e a escala local.

Nesse sentido, buscar uma perspectiva de priorizar a escala local comumente pode ser remetido em diversos momentos aos caminhos do planejamento e desenvolvimento que traz a ideia do marco intrínseco das discussões onde se trata do planejamento como a forma de diminuir o tempo que as “coisas” levariam para serem constituídas em correlação com o desenvolvimento que traz a concepção como uma busca incessante pela igualdade de algo

onde geralmente se perpetua a busca pela redução das desigualdades e se efetiva a superação da miséria (Bursztyn et al., 2009).

Corroborado por autores como Sen (2000), Sachs (1986), C. Furtado (1961; 1974) e Bezerril e Silva (2022) onde o desenvolvimento tem uma perspectiva de melhoria na qualidade de vida através de elementos econômicos, mas diretamente ligados a erradicação da pobreza, a redução das desigualdades, entre outros.

Nos tempos hodiernos é comum que a turistificação dos lugares se dê através das estratégias de marketing criadas pelo mercado globalizado (Bursztyn et al., 2009). Diante disso, se encontra a busca por um turismo massificado tendo em vista que o marketing dessa atividade acaba por levar mais pessoas para o mesmo lugar de acordo com a disseminação desse conteúdo turístico e que acabam por experienciar os mesmos atrativos, lugares e atividades.

Diferentemente dessa massificação e como forma não apenas de resistência mas de preservação é que surgem práticas turísticas alternativas e que se contrapõem ao turismo massificado. Uma das alternativas que mais têm-se obtido êxito no que se propõe como uma alternativa de turismo gerido por grupos endógenas, que preserva a cultura, tradição e a naturalidade de cada território é reconhecidamente como Turismo de Base Comunitária (TBC).

O Turismo de Base Comunitária é um modelo alternativo de se desenvolver o turismo. Apesar disso, não se existe um consenso na adoção de um conceito oficial assim como também não se existe uma data concreta da criação desses conceitos (Brasil, 2023b). Mesmo assim, o Ministério do Turismo adotou alguns conceitos criados em acordo com as produções acadêmicas brasileiras onde se corrobora que o enfoque prioritário se dá numa escala local de decisão.

De fato, analisar esses conceitos de TBC numa escala local é entender que isso potencialmente acontece, além de se presumir uma organização comunitária, ou seja, uma localidade comumente de povos tradicionais começa a se articular para esses tipo de atividade. Em consonância com o desenvolvimento da atividade de forma local e com a perspectiva de se alcançar melhoria na qualidade de vida em comunidades, o TBC em variados momentos acaba por ser tratado em sua essência ontológica com um sentido marginalizado, utópico e ingênuo, como corroborado por Irving (2009) e Blackstock (2005).

Essa contextualização do TBC se materializa através de elementos onde torna-se possível enxergar a comunidade como protagonista da operação dessa atividade turística.

Efetivamente os moldes de gestão de Turismo de Base Comunitária proporcionam aos visitantes/turistas uma experiência de observação e vivência da diversidade local, desconstruindo estereótipos pré-estabelecidos de acordo com o imaginário por vezes simplista e pejorativo. Ou seja, o TBC pode também ser entendido como uma forma de se planejar e executar responsavelmente, não sendo assim, um segmento de mercado, mas um novo paradigma, uma nova forma de se fazer turismo (Mano et al., 2017).

2.2 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM ÁREAS URBANAS - TBCAU

A mudança do perfil do turista aliado a busca incessante por arranjos criativos que tornem a experiência do turista algo diferente, mais autêntico e próximo dos padrões de consumo do mundo contemporâneo (Mano et al., 2017) têm sido algo inerente à atividade turística em seus moldes atuais. Nesse sentido, tornou-se comum a popularização da atividade em áreas urbanas - e no Brasil - em zonas onde o viés socioeconômico distinto fica ainda mais evidente.

No momento atual, é possível entender a mudança do perfil do turista aliando-se assim a uma preocupação social e ambiental que requer da oferta turística experiências mais autênticas através da valorização do genuíno contato com comunidades locais (Cardoso, 2020). Tal processo de mudança e - considerado por muitos - de evolução, demonstra uma tendência crescente na forma responsável de se praticar a atividade.

Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que os olhos voltam-se para essas zonas urbanas, comumente desfavorecidas economicamente, onde o turista em alguns momentos conhece projetos sociais e realiza filantropia. O turismo então desperta a curiosidade no visitante, que encontra motivação para visitar as áreas urbanas com habitações insalubres onde a miséria e a pobreza interessa quem está munido de recursos financeiros e faz parte de outra realidade. Segundo Bottino (2016) “A curiosidade da população por esse espaço, até então misterioso, instigava brasileiros e estrangeiros a subir o “Morro da Favella” para conhecer essa realidade aterradora” (p. 8). Mas as motivações não se restringe a essa temática social, são as mais distintas atrações naturais, culturais, arquitetônicas, paisagens panorâmicas, estilos de vida que fazem parte do acervo turístico em zonas urbanas populares.

Apesar da diversidade, ainda a de se pensar nas motivações iniciais acerca do interesse na “favela” como espaço turístico se coloca na conta a construção de um imaginário de

turistas - estrangeiros ou domésticos - com expectativas por conhecer um produto que estaria repleto de conflitos sociais e austeridade.

[...] esse temor e o imaginário pitoresco de um filme de faroeste carioca levaram a favela a fazer parte da curiosidade dos viajantes [...]. Os europeus, em geral, eram grandes consumidores do produto favela, de perfis diversos, de todas as faixas etárias, inclusive famílias com crianças, todos buscavam conhecer esse território cercado de polêmicas e conflitos. (Bottino, 2016. p. 3)

Antes mesmo do turismo de base comunitária começar a ser considerado como um possível conceito do fenômeno turístico trabalhado nessas regiões menos abastadas, as zonas urbanas desfavorecidas, regiões favelizadas, já eram contempladas com uma realidade aterradora que passam a ser objetos de observação por pessoas que buscam o diferente, o extraordinário, uma demanda que vivencia outras realidades mas que buscavam conhecer territórios que se aproximavam do imaginário que era criado através de uma divulgação dos problemas sociais exacerbados.

A disseminação da atividade turística em áreas urbanas (nesse caso de TBC), em diversos momentos, ganha ênfase em consonância com a era da globalização (Cejas, 2006), com a mudança de perfil do turista, com a crescente dos eventos nacionais e internacionais que ocorriam no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro (Eco-92; Copa do Mundo-2014 e Olimpíadas-2016), e além disso, com a incorporação desses roteiros pelas agências de viagens devido a possível sensação de segurança passada pelos investimentos das políticas públicas nos projetos de Unidades de Polícia pacificadora (UPP's) nas favelas (Mano et al., 2017).

Apesar disso, ainda é comum quando se fala em Turismo de Base Comunitária remeter ao meio rural, pois habitualmente têm-se o conhecimento subentendido de que as comunidades tradicionais são compostas e têm suas origens arraigadas no meio rural, embora áreas urbanas também se constituírem de importantes comunidades tradicionais. Entende-se que, as zonas urbanas também constituem comunidades necessitadas de desenvolvimento, da melhora substancial da qualidade de vida de populações citadinas que em diversos momentos não são incluídos no processo de turistificação aos moldes tradicionais.

De acordo com Mano et al. (2017) “é fundamental reconhecer que o fenômeno turístico se constitui basicamente do encontro de alteridades que podem produzir processos de aculturação mais ou menos intensos, porém inevitáveis” (p. 417). De fato, é indiscutível que a

atividade turística seja ela de todos os tipos, irão gerar relacionamentos de todos os âmbitos e que não conseguem serem evitados.

Nesta perspectiva, autores como Machado (2007); Mano et al. (2017); Ferreira (2014) entendem que pouco é considerado os impactos na localidade quando se remete ao planejamento das atividades de turismo, mas compreendem que efeitos positivos e negativos podem ser gerados.

Essa geração de efeitos leva a uma compreensão de que o desenvolvimento turístico em moldes que quase sempre não favorece a população local, potencialmente, cria e favorece os fenômenos de exclusão social (Irving, 2009). Por isso, alguns efeitos podem ser observados.

O processo de conhecer e interagir com algumas dinâmicas comunitárias onde se estabelece uma relação dialógica, compartilhamento de vivências e trocas (Mano et al., 2017) entre turistas e autóctones, pode gerar efeitos positivos e/ou negativos. Apesar de problemas sociais, econômicos e ambientais já serem amplamente conhecidos nesses territórios, esse processo de crescimento da atividade turística em zonas socioeconomicamente menos favorecidas produz efeitos que necessitam de serem analisados.

De acordo com autores como Gaffney (2013); Mano et al. (2017); Klepsch (2010), o que pode ser previamente observado são efeitos como geração de empregos, distribuição de renda, valorização social, produtificação cultural - mas também desencadeamento de processos de gentrificação, surgimento de novas demandas de mercado geradoras de especulação imobiliária, aumento do custo de vida, evasão de pessoas.

Ao observar tais impactos negativos em relação ao seu local de convívio, alguns moradores de áreas urbanas classificadas como favelas turísticas (Freire-Medeiros et al., 2013) começaram a se organizar para oferecer roteiros mais coerentes com suas realidades e valores [...] (Mano et al., 2017, p. 417)

Entender e tratar as favelas como um objetivo cenário de problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais comumente foi o caminho mais fácil para os externos a esses territórios. E práticas turísticas longe das ideias de TBC (quando acontecem) seguem essa lógica reducionista e preconceituosa e apartada. Nos moldes de Turismo na favela onde a comunidade não se percebe protagonista da atividade e sem constar o modelo de TBC, a área urbana menos abastada acaba por ser reduzida ao cenário de observação (Machado, 2007).

Mas quando atraído pela agenda de TBC, no turismo em favelas se percebe uma nova característica, a mudança no interesse dos visitantes. Começa a aparecer a valorização dos aspectos específicos da transformação socioeconômica e cultural dos lugares visitados (Bursztyn e Bartholo, 2012). Ou seja, a atividade englobada por esse vetor de transformação social e de desenvolvimento (TBC) garante algum tipo de contribuição na valorização da identidade e pertencimento local através do relacionamento entre turista e moradores que se baseiam em modelos mais justo e duradouro (Mano et al., 2017).

Refletir o TBC em regiões urbanas é ir além dos possíveis conceitos do Turismo de Base Comunitária tradicionais e reafirmar que torna-se possível pensar a atividade turística para trazer benefícios aos territórios urbanos que são socioeconomicamente desfavorecidos. Esses locais outrora não eram vistos como parte do processo de desenvolvimento local, mas o Turismo de Base Comunitária surge como uma possibilidade de inserção e inclusão destes em processo de turistificação e desenvolvimento de modo endógeno e inclusivo.

Autores como Klepsch (2010) e Mano et al. (2017) entendem que o Turismo de Base Comunitária seria uma alternativa para o desenvolvimento de áreas urbanas (territórios menos abastados com apelo à vocação turística). Ou seja, atrelar o TBC ao desenvolvimento dessas regiões requer compreender que enquanto a atividade está com o processo decisório em um âmbito que a comunidade não domina e não participa dos interesses, a atividade turística passa a ser um cenário de observação e de escambo econômico como dito anteriormente.

Não obstante do que ocorre nas zonas não urbanas, o Turismo de Base comunitária se bem planejado, com o processo decisório envolto à comunidade local, elencando aspectos e premissas, com os serviços turísticos pertencentes aos moradores, se posiciona como uma alternativa bem definida de desenvolvimento sustentável local e com potencial de transformação nas áreas urbanas socioeconomicamente defasadas.

3. PREMISSAS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (MTUR)

De acordo com o que vem sendo proposto pela ONU nas últimas décadas, o governo no Brasil passa a voltar-se para atuação de suas políticas públicas em concordância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e isso está diretamente ligado a agenda 2030 onde se observa que no turismo o Turismo de Base Comunitária está inserido como um vetor importante de desenvolvimento da atividade no país.

Diante disso, se faz necessário a criação de subsídios para a consolidação da Política Nacional de Turismo de Base Comunitária (Brasil, 2022b) onde se busca políticas para

orientar, promover e fomentar a atividade, e por isso, nesse sentido se cria as premissas do TBC do MTUR.

3.1 AUTOGESTÃO

O processo de autogestão social entendido como uma relação de trocas mútuas, pode gerar em diversos momentos uma relação direta entre ‘indivíduo e comunidade’. Nesta perspectiva, autores como Nascimento (2019) e Gould (1983) pensam que a autogestão social implicaria em que os meios de produção deveriam pertencer aos produtores associados. Por isso, o Ministério do Turismo no Brasil compreende a autogestão como

o exercício coletivo do poder, com corresponsabilidade e transparência de informações, é fundamental no Turismo de Base Comunitária. As comunidades, em vínculos de confiança e solidariedade, determinam seus objetivos coletivos, os meios para alcançá-los e estabelecem as regras do processo, sendo compreendidas como as reais protagonistas do planejamento e da gestão da atividade turística. (Brasil, 2023a, p. 42)

De fato, tratar a comunidade com o papel central deste processo é colocar em exercício a ideia de autogestão no Turismo de Base Comunitária que vai perpassar para além dos limítrofes da participação comunitária. Isso demonstra dizer que, corroborando com Garcia (2011), às administrações das organizações têm-se a busca iminente por autonomia e, diante disso, o protagonismo da comunidade estaria envolvido em uma participação comunitária de liderança. Ou seja, a comunidade estaria em todos os setores desse processo de autogerir seu planejamento e gestão das ações de turismo.

Apesar disso, em muitos dos casos, tornou-se comum entender essa participação comunitária - em diversos momentos - como uma participação de subserviência. Isso implica “à posição que ele ocupa na estrutura hierárquica, ou seja, os que estão num nível inferior, num padrão mais simples de trabalho conhecem apenas o suficiente para o desempenho de suas funções” (Garcia, 2011, p. 55) e no TBC em uma colaboração da comunidade em instâncias não-decisórias, pautado somente em subempregos onde, por vezes, se torna uma visão reducionista da participação comunitária. A participação comunitária entendida aqui perpassa para além de uma participação do servir mas uma participação que envolve todo o processo de liderança de atores comunitários.

Sem dúvidas a ação de atores externos como auxílio é algo intrínseco no começo da atividade, mas, entende-se que para a prática se tornar algo sustentável, atores de lideranças de dentro da comunidade precisam ser formados e serem propagadores de conhecimento que inspirem novas lideranças futuras e que necessitam ser facilitadores e formadores comunitários.

Assim, as lideranças dos Jenipapo-Kanindé integrados com professores e estudantes do Departamento de Geografia, da Universidade Federal do Ceará, resolveram estimular tanto adultos, como jovens desta etnia para desenvolverem um projeto de turismo na aldeia. (exemplo trazido da obra de Lustosa & Almeida, 2011, p. 11)

Ou seja, a “mão de obra” de liderança estaria sendo gerida e formada por atores da própria comunidade e a partir disso, surge a ideia central de ciclos de liderança de se autogerir.

O não alcance dessa premissa, potencialmente acarreta uma heterogestão que entende-se como centralizada e de maneira vertical onde “[...] neste modelo, os trabalhadores não possuem propriedade sobre os mais úteis e necessários instrumentos de produção, o que, portanto, nessa ótica, não lhes assegura o direito e poder de tomar decisões significativas sobre o trabalho e a produção” (Garcia, 2011, p. 55), além da quebra desses ciclos de liderança.

Quando esses ciclos de liderança da autogestão da comunidade não são alcançados, pode ocasionar a formação desses atores sem uma perspectiva de atuação dentro da própria comunidade e esses agentes formados acabam por sair do seu grupo e assumir cargos de lideranças/ atuar em outros âmbitos fora dele. De acordo com isso, o ciclo desses atores formados não se contempla como um ciclo de retorno, mas culmina em um ciclo de distanciamento.

Apesar disso, o que necessariamente precisa ser compreendido é que, indubitavelmente, estes ciclos ocorrem o tempo todo, mas o Turismo de Base Comunitária é colocado à tona como forma - também - de mitigar o ciclo de distanciamento desses agentes comunitários, pois esse ciclo pode, eventualmente, prejudicar o desenvolvimento comunitário.

O que pode ser compreendido como uma das benesses principais desse protagonismo da autogestão das comunidades no Turismo de Base Comunitária é, entre outras coisas, a manutenção da identidade cultural dos espaços, a manutenção do público jovem, e obviamente, a perpetuação dos saberes e fazeres corroborando com Santos (2018) “A autogestão tornou-se agente fomentadora do fortalecimento cultural. [...] associado aos

saberes tradicionais que compartilhamos [...] também com os visitantes” (p. 37). Com isso, à medida que se tem uma comunidade autogerida por membros que advém dela mesmo, naturalmente, os valores - comunitários e culturais - estarão mais protegidos e preservados diante das influências exógenas e percebe-se que todos esses fatores favorecem o desenvolvimento da comunidade.

3.2 COOPERAÇÃO

As relações sociais podem ser compreendidas como algo intrínseco ao ser humano, isso porque, através da razão se constituem meios e métodos para que haja a execução e formas de se pensar a organização, de algo, em prol de um bem comum (Bergoc, 2020). Com isso, eventualmente, a cooperação na perspectiva do Turismo de Base Comunitária vai tratar da possível colaboração dos/entre atores nas iniciativas. Diante disso a premissa atribuída pelo Ministério do Turismo do Brasil tem como conceito de cooperação:

como o contexto interativo em que as ações dos integrantes favorecem o alcance dos objetivos coletivos. No Turismo de Base Comunitária se pressupõe um ambiente favorável a práticas de cooperação entre os atores sociais, facilitando ações coordenadas, contribuindo para o fortalecimento da coesão social, o empoderamento e aumento do capital social, para o desenvolvimento do turismo de forma associativa, cooperativa e/ou organizada coletivamente no território, dentro da perspectiva da Economia Solidária. (Brasil, 2023a, p. 42)

Para alcançar o Turismo de Base Comunitária na forma de cooperação requer destacar aspectos específicos de objetivos coletivos de uma população, e ainda assim, elencar a importância de se ter um trabalho colaborativo como forma conexa de se desenvolver atividades (Bergoc, 2020). De fato, propor a cooperação enquanto premissa de um modelo alternativo da atividade turística, é compreender que - potencialmente - os objetivos dos atores e da comunidade estariam alinhados em prol de um comum através de plano - mesmo que em formas de produções diferentes mas diretamente conectados. Com isso, se teria o fortalecimento do senso de coletividade, associativismo, empoderamento e o aumento do capital social (Brasil, 2023b), que são produtos de um plano de cooperação comunitária.

Os autores clássicos da administração, a exemplo de Porter (2004), trabalham e pensam a competição e a concorrência no sentido de rivalidade e de ver o outro como um

literal concorrente e em determinados momentos em um sentido de ameaça (Ehrhardt, 2022), e vão enxergar a economia básica focada na maximização do lucro em potencial (Porter, 2004). Ou seja, tudo que se vislumbra nesse cenário de competição e concorrência seria a maior rentabilidade possível da indústria que seria comum nesta perspectiva. Apesar disso, segundo Porter (2004), “mesmo sem produtos substitutos e com a entrada de novas empresas bloqueadas, a intensa rivalidade entre os concorrentes existentes limitará os retornos potenciais” (p. 6).

Então isto - comumente - acarreta na competição predatória em correlação com a concorrência desleal, uma vez que seja habitual que a crescente concorrência cause uma busca incessante por atalhos nas condutas comerciais (Zeger, 2010), e isto seria agir para além dos limites econômicos estabelecidos. Conforme Ehrhardt (2022), “o foco da concorrência desleal é obter vantagem sobre seus concorrentes, de forma ilícita, causando transtorno para aqueles que sofrem com ela” (p. 26).

A cooperação caminha em direção oposta desse pensamento, à medida que também possui valor monetário, mas se trabalha na perspectiva da associação. Isso possivelmente pode ser entendido como a superação da competição e da concorrência fortalecendo assim a comunidade.

Corroborando com isso - no Turismo de Base Comunitária - a cooperação vai existir em sua importância intrínseca com o mesmo foco. Ou seja, à medida que haja ações de cooperação dentro de uma comunidade a tendência é que se revele um cenário de mais oportunidades de trabalho, mais renda, bem-estar, manutenção da(s) juventude/pessoas, manutenção dos saberes fazeres, dos valores comunitários, de tal forma que se entende quase como uma cadeia, possibilitando assim o desenvolvimento comunitário.

3.3 SOLIDARIEDADE

Tencionar o propósito de melhoria na qualidade de vida tem as suas perspectivas arraigadas na economia solidária e nas redes de relações sociais (Paulics, 2001). Isso porque, torna-se possível perceber que a solidariedade se coloca como uma premissa que tem entre os atores sociais, um sentimento que se consolida baseado a partir de uma relação de confiança. Através disso, potencialmente, se possibilita a comunhão dessa comunidade em prol do fortalecimento comunitário. Para tanto, o Ministério do Turismo do Brasil caracteriza a solidariedade como:

Atividade integrante da Economia Solidária, o Turismo de Base Comunitária tem como premissa a solidariedade entre os atores sociais para que se estabeleçam relações de confiança e se fortaleça a coesão social das comunidades, o que contribui para a defesa de interesses coletivos e do bem comum em sobreposição à defesa de interesses privados. (Brasil, 2023a, p. 42)

Entendendo que o foco do Turismo de Base Comunitária tem como pilar principal o desenvolvimento local, destacando aspectos que não podem ser deixados de lado. “Resgatar e valorizar o saber local, respeitar os hábitos e as formas de organização social permitem incrementar a capacidade organizativa das comunidades e, a partir desta organização, pode-se pensar em projetos e planos de desenvolvimento” (Paulics, 2001, p. 1).

Nesta perspectiva, enxergar a solidariedade em sua plena existência como um sentimento se torna necessário ter um olhar inteligente sobre si e para além disso, conhecer sobre o outro em um estágio pleno de entendimento que é construído na vivência cotidiana dentro da comunidade e perpassado entre gerações os costumes.

[...] E só é solidário quem se conhece minimamente, quem tem algum tipo de projeto comum. Não se desenvolve redes de relações solidárias por decreto. Estas redes são fruto de histórias em comum e formas de ver o mundo, são fruto da confiança que cresce no cotidiano de pessoas que se encontram e têm projetos conjuntos para o futuro. (Paulics, 2001, p. 1).

Diante disso, conhecer minimamente os atores comunitários sendo eles em prol da solidariedade facilita o aperfeiçoamento e aumenta a coesão social, a compreensão dos problemas sociais e o maior envolvimento comunitário (Ramos, 2013).

A solidariedade enquanto premissa no Turismo de Base Comunitária revela uma ênfase em torno de aspectos sociais que perpassa pela valorização da sociedade de tal forma que tende-se a enriquecer o tecido social da região (Tabosa et al., 2004) em todos os âmbitos. Para além disso, compreende-se que a manutenção dos costumes - quase sempre - estão asseguradas, isso porque as construções sociais diárias também exercem um papel importante no enfrentamento das lutas comuns da comunidade e também focaliza nos projetos futuros que são comuns a esse povo.

É importante observar que nesta perspectiva as relações comumente vistas são de uma relação clientelista (Paulics, 2001), e isso, usualmente, ocasiona uma relação mais autoritária.

Não obstante, lidar com a solidariedade como premissa do TBC é entender que se atua no contrário desta perspectiva.

Numa realidade de Turismo de Base Comunitária, marcado por uma estrutura voltada para o horizontal que vai utilizar-se da atividade enquanto provedora de desenvolvimento local, se percebe que a solidariedade caminha na direção de fortalecimento das relações sociais locais. Isso exacerba e/ou consolida a democracia, pontos decisivos para o desenvolvimento local, valorizando assim, desde saberes fazeres incorporando até hábitos culturais.

3.4 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Na grande área do Turismo muito se tem discutido sobre os impactos que a atividade turística tem socioambientalmente, isso porque, o desenvolvimento sustentável tem sido uma preocupação primordial em todo o mundo. Compreende-se que através dele se possibilita a promoção de um “[...] bem-estar social e permitam a continuidade e manutenção dos recursos naturais para as próximas gerações” (Calixto, 2008, p. 124). Diante dessa preocupação do desenvolvimento sustentável correlacionado ao meio ambiente, o Ministério do Turismo do Brasil traz consigo a caracterização da premissa de Responsabilidade Socioambiental atrelada ao Turismo de Base Comunitária como:

comprometimento, deveres e atribuições de todos na gestão eficiente e sustentável dos recursos ambientais, sociais e econômicos. O Turismo de Base Comunitária se contrapõe ao turismo de massa na escala dos impactos e está atrelado ao compromisso com a proteção da natureza, com a preservação da diversidade biológica, dos ecossistemas locais e com a qualidade dos espaços de reprodução social das comunidades. (Brasil, 2023a, p. 43)

Trazer a tona o papel socioambiental que uma comunidade assume ao protagonizar o Turismo de Base Comunitária é revelar as atribuições que os agentes atuantes naquele território são capazes de ter para além de um compromisso efetivo e uma preocupação com o ambiente em que vivem e com o meio ambiente que potencialmente está ligado a preservação da biodiversidade.

Se pensar a responsabilidade socioambiental como uma variável importante para a gestão de uma localidade e/ou empresa requer evidenciar que em caso de bem explorada se

revela um cenário de oportunidades e ganhos (Lins & Silva, 2009). E, por isso, “[...] a questão ambiental deixou de ser encarada apenas como uma exigência legal e passou a ser considerada como uma importante variável dentro da competitividade” (Lins & Silva, 2009, p. 92).

Comumente se corrobora que as alterações no meio ambiente são justificadas por viés econômico que também causam impactos/danos nos recursos naturais (J. Furtado, 2003) e é na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável como mitigação desses danos que o Turismo de Base Comunitária habitualmente deve agir. Isso porque a gestão da responsabilidade socioambiental tanto individualmente como coletivamente, se torna focada na diminuição dos danos causados pela atividade, e neste caso, turística.

No Turismo de Base Comunitária (TBC), por ser uma atividade que integra diversidade, a responsabilidade socioambiental se materializa através dos mais variados âmbitos. O que pode ser exemplificado e verificado nas localidades em que acontece a atividade turística alternativa é a certificação que atinge a gestão de resíduos, a coleta seletiva, a reciclagem, a preservação do ambiente e das espécies animais, entre outros.

Não tão somente nesse sentido, é certificar como está ocorrendo a gestão do ambiente em que ocorre a atividade. Para além, propor a discorrer sobre responsabilidade socioambiental é - também - ponderar sobre o aproveitamento da variável socioambiental, o lixo no local, processo de reciclagem, separação do lixo orgânico de secos e molhados. Ou seja, trata-se de atuar com TBC em consonância com a preservação ambiental e com o desenvolvimento sustentável.

Para além disso, tratar sobre responsabilidade socioambiental no Turismo de Base Comunitária (TBC), pode ser entendido como a preservação do ambiente para que se possibilite a vivência social e a execução das atividades que a comunidade se propõe a fazer.

3.5 INTERCULTURALIDADE

Tratar sobre interculturalidade requer entender as relações e trocas mútuas de experiências culturais entre visitante e visitados, que também são centrais na atividade turística de TBC. À medida que se entende a interculturalidade como o “conflito e em diálogo, ao mesmo tempo, não tentando obstruir as diferenças e sim fazer com que elas conversem e se entrelacem.” (Weissmann, 2018, p. 27), o Ministério do Turismo do Brasil (MTUR) compreende e considera a interculturalidade como:

concebida no encontro e no diálogo entre turistas e autóctones, possibilitando o intercâmbio e o estreitamento de laços e/ou relações, com base na convivência democrática, no respeito e na troca de experiências, vivências e saberes, buscando a integração sem anular a diversidade. Nesse sentido, faz-se importante a valorização da cultura local, o reconhecimento e a promoção dos modos de vida para elevar o sentimento de pertencimento e autoestima das comunidades. (Brasil, 2023a, p. 43)

Ao se efetivar análises da atividade turística em consonância com a interculturalidade, percebe-se que essa premissa caminha em direção oposta da multiculturalidade, onde se compreende que seu conceito estaria aliado a uma sobreposição de culturas (Weissmann, 2018). Ou seja, se evidenciaria uma cultura que em momentos estaria em maior dominância sobre a outra.

O que potencialmente se corrobora no conceito de interculturalidade aliado ao Turismo de Base Comunitária e o modelo de gestão da atividade turística, é o pensar acerca de um ciclo virtuoso causado pelas trocas culturais entre agentes - turistas e comunidade. É válido ressaltar que nesse sentido, torna-se importante respeitar a diversidade cultural da comunidade e o modo de vida de cada localidade.

Nesse sentido, o TBC e outras atividades respeitando e valorizando, potencializa o senso de pertencimento e o orgulho em regiões onde os saberes tradicionais são promovidos. Essa premissa alcança seu ápice quando o saberes e autoestima são repassados para gerações futuras que ali viverão e possivelmente atuarão.

3.6 EQUIDADE SOCIAL

O conceito de equidade advém de áreas do conhecimento em que se corrobora para alcançar igualdade plena ou que caminhe em direção a uma justiça na forma de se distribuir equipamentos, serviços, além de reconhecer as necessidades (Silva, 2016) de determinados grupos ou indivíduos.

Com isso, a equidade social apesar de se aproximar e ter suas semelhanças com o conceito de igualdade e muitas vezes serem entendidos como sinônimos, o princípio da equidade está voltado para a ideia de “proporcional”, ou seja, uma forma justa de distribuição mas em consonância com o que seria simétrico para cada indivíduo ou grupos de indivíduos.

O Ministério do Turismo no Brasil, coloca a equidade social enquanto premissa do TBC como:

compromisso com a defesa de uma sociedade justa, inclusiva, segura e democrática, com a geração e distribuição equitativa dos benefícios e das oportunidades advindos do turismo, com a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar social das comunidades e com a redução de barreiras sociais, culturais, econômicas e políticas que resultam em exclusão ou desigualdade. (Brasil, 2023a, p. 42)

Contudo, quando se caminha em direção oposta a equidade social, autores como Azevedo (2013) entende a “iniquidade” e corrobora que “grupos e indivíduos têm seus destinos entregues ao livre jogo do mercado, a tendência é o crescimento das diferenças sociais, do egoísmo possessivo e das mazelas características [...]” (p. 131).

No turismo de Base Comunitária, essa busca por equidade ou pelo que seria justo, se torna intrínseca à atividade através de ações pontuais entre a comunidade. À medida que entende-se que pode trabalhar ações em conjunto dentro de uma comunidade local, e têm-se a equidade enquanto princípio, pode-se almejar uma situação de melhor distribuição (Silva, 2016).

Por acontecer normalmente em regiões menos abastadas, a atividade turística em relação com a premissa de Equidade Social que o MTUR aborda, pode ser compreendida como a possibilidade de redução de um desenvolvimento desigual e de barreiras sociais/ segregação.

4. METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

A metodologia da pesquisa pensada para este trabalho consiste em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo que, segundo Gil (2008) “são pesquisas desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (p. 27), e tem como norte a ideia de familiarização com o tema, na medida que também permite a descrição das relações e características dos grupos de atores da pesquisa.

Visando atender todos os objetivos do trabalho, foram empregadas técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante e grupo Focal.

Para Marconi e Lakatos (2002), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre

determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas” (p. 71).

No tocante a este trabalho, a pesquisa bibliográfica possui como enfoque as produções sobre TBC no Brasil e no mundo, bem como as produções que apresentem destaque as experiências de TBC em áreas urbanas.

Já a pesquisa documental se trata basicamente de fontes primárias de dados, que podem ser obtidas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou posteriormente (Marconi & Lakatos, 2002) com uso de documentos. No caso deste trabalho, o autor fez registros fotográficos, gravação de voz, ilustrações, e consultou documentos.

A observação direta ou participante se refere à “participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” (Marconi & Lakatos, 2002, p. 90). No caso deste trabalho, o pesquisador já é membro da comunidade desde que nasceu, o que revela proximidade direta com o objeto de pesquisa. Neste sentido, buscou realizar observação direta de tudo que ocorreu no ambiente de investigação científica no que se refere ao tema TBC em área urbana.

Já a técnica de Grupo Focal tem por objetivo “identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade.” (Dias, 2000, p. 03). No caso deste trabalho, foi organizado grupo focal com amostra de moradores no bairro Mãe Luiza, buscando tensionar as discussões sobre os limites e possibilidades do TBC no espaço.

A seguir, o quadro 1 demonstra a relação entre as técnicas de pesquisa e os objetivos específicos propostos para esta dissertação.

Quadro 01: Organização metodológica.

Objetivo específico	Técnica(s) utilizada(s)
Objetivo específico 01 - <i>Levantar e mapear os recursos turísticos da comunidade de Mãe Luiza;</i>	Pesquisa bibliográfica/Pesquisa Documental/Observação participante/Grupo focal/Entrevistas individualizadas
Objetivo específico 02 - <i>Correlacionar as premissas de Turismo de Base Comunitária propostas pelo Ministério do Turismo à realidade do bairro de Mãe Luiza - Natal/RN;</i>	Pesquisa bibliográfica/Observação participante/Grupo focal/Entrevistas individualizadas
Objetivo específico 03 - <i>Propor uma discussão sobre iniciativas de turismo de base comunitárias em áreas urbanas de acordo com à realidade do</i>	Grupo Focal/Entrevista individualizada

<i>bairro de Mãe Luiza, a partir da percepção dos atores sociais da localidade;</i>	
Objetivo específico 04 – Desenvolver estratégias para implementação de Turismo de Base Comunitária no bairro Mãe Luiza	Grupo Focal/ Entrevista/Pesquisa bibliográfica/Pesquisa documental/Observação participante

Fonte: Autoria própria (2025)

Para o grupo focal, as 10 perguntas abertas foram feitas em consonância com os objetivos específicos e todos os participantes foram convidados a se manifestarem diante do questionamento e sempre que necessário, a todos foi dado o direito de retomar suas falas conforme solicitado.

A partir de toda coleta, a técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo e coincidiu - para além dos demais objetivos - com o objetivo específico 1 onde citaram muitos atrativos que enxergam que podem ser aproveitados no bairro.

4.1 COLETA DE DADOS

A coleta de dados compreendeu as seguintes etapas:

- a) Etapas de pesquisa bibliográfica e documental: Foi feita busca e seleção de fontes primárias e secundárias que apresentem informações sobre TBC e sobre as potencialidades turísticas do Bairro Mãe Luiza, visando dar suporte aos construtos teóricos reflexivos propostos por esta dissertação.
- b) Contato prévio com membros da comunidade do bairro Mãe Luiza: O autor desta pesquisa, por ter nascido e residido toda sua vida na comunidade, já possui contato prévio e constante com a maioria dos sujeitos da pesquisa, o que possibilitou organizar de forma efetiva a realização dos grupos focais. Para além disso, foi escolhido pessoas que mora na comunidade a pelo menos 10 anos e conhecem bem todo o contexto comunitário e terem relevância na comunidade, foi selecionado o Centro Sócio por ser no centro da comunidade e o acesso foi facilitador e possível para todos e evitar falta ou evasão dos convidados.
- c) Seleção dos membros da comunidade que participarão dos grupos focais/entrevistas individuais (critérios): As técnicas de pesquisa foram aplicadas com membros da

comunidade maiores de 18 anos e que residam no Bairro Mãe Luiza há pelo menos 10 anos (desde 2014). Além desses critérios, o pesquisador selecionou participantes para a realização de grupo focal, sendo este composto por sete (foram convidados oito, porém um não compareceu) moradores escolhidos por critérios de conveniência do pesquisador de acordo com as respectivas representatividades e com consideração no sentido de representatividade comunitária, idade, tempo de moradia no bairro. Já as entrevistas individuais foram realizadas com representantes de lideranças comunitárias do bairro, a saber: Presidentes de quadrilhas juninas, membros do conselho comunitário, representantes de uma ONG local, empreendedores locais e líder religioso;

- d) Realização dos grupos focais: Foi realizado 1 grupo focal com duração de 3 horas no dia 25 de Novembro de 2024, das 19h às 22h, em uma sala pertencente à uma Instituição religiosa do Bairro Mãe Luiza. O agendamento dos grupos foi feito mediante contato prévio do pesquisador.

4.1.1 Instrumento de coleta de dados

Para realização do grupo focal e da entrevista individual, foi construído o mesmo instrumento de coleta de dados com perguntas abertas que nortearam as ações (Apêndice I). A construção do instrumento foi pautada pelas premissas de TBC propostas pelo MTUR (Brasil, 2023a), bem como pelo referencial de TBCAU de Mtapuri & Giampiccolli (2020);

4.2 CRITÉRIOS ÉTICOS DA PESQUISA

Foi empregado sigilo das informações coletadas na pesquisa. Para os participantes dos grupos focais, será utilizado o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE - ver apêndice II), bem como um termo de autorização para a gravação de voz durante a ocorrência do grupo (Apêndice III). Ademais, este trabalho segue as normas previstas na Resolução 510:2016 CNS.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Conforme explicitado na Metodologia, foi realizada a aplicação de Grupo Focal com amostra de sete moradores do bairro, bem como de entrevista com cinco lideranças que igualmente residem no espaço. A realização do Grupo Focal ocorreu no dia 25 de Novembro de 2024 e a realização das entrevistas individuais com as lideranças ocorreu no período de dezembro de 2024 a março de 2025. Para apresentação dos resultados e análise de dados cada participante do Grupo Focal será codificado com a sigla MML e cada liderança será codificada pela sigla LD, conforme detalhamento no Quadro 02.

Quadro 02: Codificação de atores da pesquisa

LD - Liderança de Mãe Luíza	MML - Morador de Mãe Luíza
LD1	MML 01
LD2	MML 02
LD3	MML 03
LD4	MML 04
LD5	MML 05
—	MML 06
—	MML 07

Fonte: Autoria própria (2025)

5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O referido grupo focal contou com a participação de sete moradores do Bairro. O pesquisador reuniu sete dos oito convidados, sendo um participante faltante, e organizou o momento em formato de roda de conversa, em que as perguntas do instrumento eram lidas em voz alta para todos. Após essa etapa, era concedido a fala aos participantes para que os mesmos pudessem responder às questões.

A análise de dados ocorrerá de forma concomitante com o desenvolvimento dos objetivos propostos para essa dissertação. Nesse sentido, primeiramente, será feito levantamento dos recursos turísticos da comunidade. A escolha desses lugares se deu de acordo com as citações dos entrevistados quando perguntados acerca da pergunta 9 (anexo 1) para entender o que o bairro dispõe que pode e julgam interessante para ser utilizado pelo turismo, além disso, se destaca a observação participante do pesquisador e morador do bairro de Mãe Luíza que também foi intrinsecamente importante para auxiliar na filtragem do

mapeamento e no conhecimento dos pontos. Os pontos citados foram mapeados enquanto recursos turísticos do bairro mas não necessariamente obedecem uma ordem ou hierarquia de visitação.

5.1.1 Levantamento e Mapeamento dos Recursos Turísticos do Bairro de Mãe Luiza

Mãe Luiza é um bairro tradicional e característico da região leste da zona urbana de Natal rodeado de bairros nobres e que sua história começa como uma vila de pescadores e que tem no seu processo de crescimento a permanência de pessoas fugidas da seca no sertão, vítimas do êxodo rural no Rio Grande do Norte.

Mãe Luiza é fruto da migração de pessoas do interior para a cidade de Natal, motivadas pela esperança de arranjar meios de vida na cidade. Tornou-se um aglomerado de pessoas em situação de exclusão social, a partir da década de 1940, período de sua ocupação. (Fernandes, 2022, p. 15)

Nesse sentido, por muito tempo, o local era chamado de “morro do bode” (animal de criação sertaneja). Apenas anos seguintes passaria a ser conhecido como morro de “Mãe Luiza”, em referência a uma mulher parteira da região. A depender da versão contada, a Luiza poderia ser conhecida como “xangozeira” (termo usado para indicar pejorativamente pessoas praticantes de religiões de matriz africana), às vezes lavadeira, algum acreditam que esposa de um pescador que ali se instalou e fez da localidade o seu lugar de moradia, mas sempre uma mulher com importante papel social, que é característico da localidade até os tempos atuais.

A seguir serão apresentados recursos e atrativos históricos e culturais observados no bairro.

- FAROL DE MÃE LUIZA

Uma edificação importante encontra-se na área do atual bairro é o oficialmente registrado Farol de Natal, popularmente conhecido como Farol de Mãe Luiza por se encontrar dentro do território do bairro de Mãe Luiza e dentro da ZPA (Zona de Proteção Ambiental) do Parque das Dunas que é a primeira unidade de conservação do Rio Grande do Norte e considerado a maior reserva urbana de mata atlântica sobre dunas do Brasil.

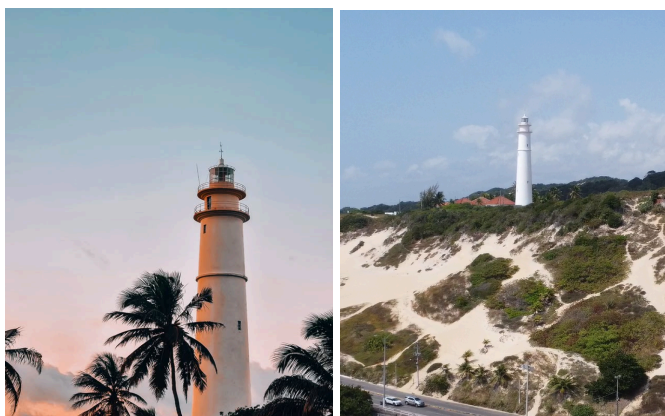
O farol foi construído, assim como outros espalhados no Brasil, com o intuito de orientar embarcações dentro do mar.

Seguindo nessa mesma construção temos o Farol de Mãe Luiza, mas oficialmente registrado como Farol de Natal, foi construído em 1951 por Lei nº 714, e inaugurado pelo almirante Harold Ruben Cox. O prefeito de Natal, Eliseu Leite, fez uma doação do terreno, patrimônio de municipal. Construído com concreto, projeto do engenheiro Gentil Ferreira de Souza, possui cerca de 37 metros e a princípio, orientava as embarcações em uma distância de 24 milhas, hoje possui um alcance de 27 milhas. (Soares & Correia, 2022)

A oralidade perpassada na comunidade diz que devido a falta de energia elétrica e consequentemente a falta de luminosidade, as pessoas buscavam morar próximo ao farol, pois ele conseguia proporcionar a luminosidade necessária para auxiliar essas pessoas. Motivado pela sua arquitetura, história e entorno paisagístico, o farol se torna um atrativo turístico e cartão-postal da cidade do Natal. Durante muito tempo a visitação aberta a turistas foi importante para o atrativo e para o bairro, que acabou por ser reconhecido devido ao farol levar popularmente seu nome. Os relatos da comunidade é que o farol faz parte da infância, juventude e da vida de muitos moradores quando ainda era aberto para visitação, pois se tornou um ponto de referência para visitação e de lazer para muitas crianças. Atualmente a entrada acaba por ser proibida - por determinação das forças armadas que mantêm o funcionamento do farol e a preservação dessa área - e o farol fechado com acesso somente sob autorização da Marinha do Brasil. Ainda há esperança na comunidade de que haja no futuro sua reabertura para visitação na condição de atrativo turístico que faz parte da história, cultura e paisagem do bairro.

Figura 3

Mosaico fotográfico do atrativo Farol de Mãe Luiza.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do videomaker, fotógrafo e morador do bairro Arthur Diego.*

- QUADRILHAS JUNINAS

A manifestação cultural da quadrilha, como é conhecida atualmente, advém dos salões da nobreza européia mas que ao chegar ao Brasil tem sua adaptação à cultura brasileira, sobretudo, a nordestina - que celebra no período três santos católicos: São João, São Pedro e Santo Antônio. Prazeres & Lucena (2018) colocam que:

Os passos das festas juninas do Nordeste do Brasil tiveram um percurso histórico que vem acompanhado das mudanças sociais, econômicas e culturais da região, bem como as mudanças comunicacionais. [...] as Quadrilhas, importadas da França, ganharam um ar matuto e a dança um aspecto rural com a presença do baião, do xote e do xaxado. (p. 133)

A popularização dessa festividade junina passa por transfiguração na região nordeste, saindo dos importantes salões da nobreza da Europa para figurar em comunidades periféricas do nordeste. A tradição da festa e suas quadrilhas perpassam gerações e estão nos calendários de eventos populares de grande parte da região nos meses de junho e julho. No decorrer dos tempos, o bairro de Mãe Luiza passou a figurar entre os mais importantes espaços desse tipo de festejo, enaltecendo quadrilhas tradicionais que representam como os antepassados dançavam e entendiam as quadrilhas.

Não obstante dessa discussão, Mãe Luiza é um bairro que se destaca e figura na cultura nordestina e natalense quando se alia às quadrilhas. Nos tempos hodiernos duas quadrilhas (Associação Cultural Arraiá Padre Piná e o Grupo Junino Coração Matuto) se destacam no cenário junino potiguar. O bairro de Mãe Luiza foi e é reconhecido desde muito tempo como uma potência no meio junino devido a grande quantidade de títulos conquistados por suas quadrilhas.

Além disso, as quadrilhas do bairro se destacam como um processo cultural de importante valor devido a realidade do bairro e o contexto social em que seus moradores vivem, não terem a oportunidade de acesso facilitado a outras formas de se fazer cultura e lazer, como teatro, cinema, shows, outras apresentações culturais. Por isso, as quadrilhas em variados momentos se apresentam como a principal forma de fazer cultura e arte no bairro, ampliando o senso de pertencimento da comunidade. Para além disso, as quadrilhas juninas de Mãe Luiza se apresentam como importante ativo de desenvolvimento social.

Figura 4

Representação fotográfica da Quadrilha Junina.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do Arraiá Padre Piná*.

- ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DO MORRO

Apesar do berço do samba Natalense ser considerado e reconhecido em outro bairro também da região Leste, o bairro das Rocas, conforme Diário do RN (2024, 30 de janeiro). Mãe Luiza vivencia o ritmo musical e suas manifestações com uma das escolas de samba tradicionais do carnaval potiguar, envolvendo parte da comunidade na época do carnaval. A Sociedade Recreativa Escola de Samba Acadêmicos do Morro é a representante do bairro de Mãe Luiza no carnaval de Natal. Trata-se de uma agremiação que desde 1997 faz parte da programação carnavalesca do bairro fomentando a cultura não somente do bairro, mas de natal como um todo.

Por ser de um bairro onde a história de lutas e conquistas são frequentes, é nesse sentido que a escola de samba Acadêmicos do Morro costuma desenvolver seu samba-enredo, tratando sempre de um apelo social de causas atuais. Apesar de ser uma escola de samba, é comum que ensaios, apresentações reduzidas ocorram fora do período de prévias e carnaval.

É importante reconhecer a escola de samba como um fortalecedor e promotor do senso de pertencimento do bairro, isso porque, atrela-se o descobrimento e o desenvolvimento de alguns artistas do bairro. Ela também eleva os níveis de identidade cultural e de apego a história do bairro através da cultura. Ou seja, a escola de samba também se caracteriza como importante agente cultural no bairro de Mãe Luiza.

Figura 5

Mosaico fotográfico da manifestação Cultural do Samba.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal da Escola de Samba Acadêmicos do Morro.*

- RODA DE CAPOEIRA

A atividade da capoeira ao surgir no período colonial do Brasil advindo de um processo de resistência e lutas - que muito se aproxima com a história de Mãe Luiza, recheada de resistência e lutas até os dias atuais - era tido por muito tempo como uma dança para disfarçar seu verdadeiro sentido que era a autodefesa, sendo então apresentado ao brancos como apenas um tipo de dança. Essa atividade remonta o período da escravidão no Brasil principalmente porque a capoeira foi desenvolvida e praticada pelos negros escravizados.

Não se tem clareza da origem da capoeira no bairro de Mãe Luiza, mas pode ser associado em muitos momentos com a questão da criação do bairro, já que advém de uma vila de pescadores, e que detinha também forte presença negra no bairro e por ser uma atividade que surge com negros escravizados corroborado por Fontoura e Guimarães (2002) “A história da capoeira está intimamente ligada à história dos negros no Brasil” (p. 141). Percebe-se que era uma atividade praticada por pessoas menos abastadas, que não detinham poder aquisitivo e se assemelha com a criação e desenvolvimento do bairro de Mãe Luiza, pessoas que encontram seu lugar na periferia (lugar mais afastado do centro de desenvolvimento da cidade) que detinham pouco poder econômico, por isso podem estar ligadas pelo mesmo viés.

Não obstante disso, o repasse da tradição da luta através da forma hierárquica pode ser um dos pontos mais fortes e por isso, torna-se um movimento cultural característico do bairro. Nas últimas décadas, capoeiristas do bairro tiveram visibilidade internacional, por meio do intercâmbio de atletas da capoeira que foram para outros países, incluindo alguns mestres que foram demonstrar através de apresentações, aulas e treinos a cultura da capoeira.

Figura 6

Mosaico fotográfico da manifestação Cultural da Capoeira.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do grupo Planeta capoeira*.

- ESPORTES E SEUS ATLETAS

O bairro de Mãe Luiza também tem seus destaques nos esportes, a exemplo do futsal, Vôlei, Judô e Jiu Jitsu, onde muitos deles exercem seus treinos no Ginásio do bairro, Arena do Morro. Desde sua fundação o bairro entendeu o esporte como algo vantajoso para suas crianças e adolescentes, isso também se reflete no incentivo para que esses jovens tenham acesso à oportunidades que em diversos momentos não conseguem ser ofertadas. Outro ponto importante é que a prática de esporte pôde ser encarado como fuga da violência e de práticas de crime. Por isso, a comunidade ainda credita suas esperanças de mudar realidades através do esporte, sendo uma manifestação bastante presente no cotidiano do bairro.

Além disso, algumas personalidades que são originalmente do bairro se destacaram em suas modalidades esportivas como o André “Bigode” Nascimento, jogador de Beach Soccer, tendo sido da seleção brasileira 4 vezes campeão mundial da FIFA, e o Clodoaldo Silva, nadador e esportista paralímpico que obteve destaque nas paralimpíadas por conquistar 14 medalhas para o Brasil, virando uma referência no esporte em sua modalidade. Essas

biografias dentro do bairro servem como inspiração para crianças e jovens mudarem suas realidades, por vezes muito vulnerável.

Figura 7

Fotografia da referência do Beach Soccer André Bigode.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do jogador André “Bigode” Nascimento*.

- ONG CENTRO SÓCIO-PASTORAL

Por ter sido um bairro popular que advém de lutas, resistência e conquistas, e - mais ainda - sempre estigmatizado de violento e pobre, o bairro de Mãe Luiza tem como característica intrínseca o trabalho social, que se exacerba ainda mais nos tempos de Padre Sabino Gentile (1945-2006) que foi um importante agente social para o lugar.

Atualmente, os trabalhos do bairro passam muito pela presença da ONG Centro Sócio-Pastoral, que desenvolve um trabalho juntamente com a igreja católica Paróquia Nossa Senhora da Conceição, apresentando diversas ações que são cruciais para o desenvolvimento e formação de pessoas (crianças, jovens, adultos e idosos) do bairro.

Nesse caso, o trabalho social do lugar torna-se ainda mais viável devido os esforços feito por pessoas que geram e lideram esses espaços. A ONG tem como líder maior e atual o Pároco Monsenhor Robério que gere diversos espaços que favorecem o desenvolvimento social que fora edificado por Padre Sabino Gentile.

A Casa Crescer, por exemplo, é um dos espaços de desenvolvimento para crianças e pré-adolescentes. Um espaço de reforço onde esses alunos conseguem ter um momento de estudo para além das realizadas em salas de aula comuns. Um espaço que literalmente favorece o avanço em questões estudantis e cidadãs.

Outro espaço da união entre Centro Sócio-Pastoral e Paróquia Nossa Senhora da Conceição é o lar de idosos, conhecido e registrado como espaço solidário, lugar que acolhe pessoas que necessitam de apoio já na terceira idade. Além desse, tem o Espaço Livre, que é uma escola para crianças estudarem e se desenvolverem. Neste mesmo espaço funciona os ensaios da Banda Filarmônica de Mãe Luiza, que obtém destaque como uma das atividades mais assíduas da comunidade.

Portanto, percebe-se que o trabalho social em Mãe Luiza acaba por ser algo intrínseco e característico desse bairro e o Centro-Sócio juntamente com a Paróquia Nossa Senhora da Conceição são os facilitadores desse trabalho social importante e que pode ser inserido em possíveis atividades de visitação.

Figura 8

Fotografia do espaço referência de trabalho social.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do Centro sócio-pastoral*.

- ARTE E ARTESANATO

Por advirem de uma sociedade de vila de pescadores e de onde o trabalho manual sempre foi algo da vivência do bairro, vários artistas e artesãos surgem no bairro de Mãe Luiza. O bairro possui personalidades como Marcelo Bob, reconhecido internacionalmente,

mas que nunca deixou de ser “filho de Mãe Luiza”, destacando-se como artista plástico com diversas obras vendidas, expostas e reconhecidas internacionalmente.

Figura 9

Fotografia da referência de artesanato e personalidade de Mãe Luiza



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do artista plástico Marcelus Bob*.

Um outro exemplo, já no campo do artesanato é o trabalho desenvolvido pelo Clube de Mães, onde mulheres se reúnem para participarem de cursos e desenvolverem obras de artesanato como enxovais e utilitários de casa que geralmente são utilizadas por elas mesmas. Mas em diversos momentos suas obras são comercializadas e que possivelmente poderiam ser vendidas para visitantes turísticos, até como forma de valorização do trabalho e geração de renda.

Mesmo não sendo um marco da culinária autoral natalense, Mãe Luiza - assim como outros bairros de Natal - têm na gastronomia regional nordestina sua identidade. Por começar sua vida sendo uma vila de pescadores, Mãe Luiza utiliza-se muito das especiarias do mar, mas integrando também pratos cotidianos advindos do sertão nordestino.

É comum que a gastronomia do bairro seja pautada muito em pratos típicos potiguares, como o arroz de leite, a carne de sol e as especiarias do mar como crustáceos. O bairro ainda carece de espaços para alimentação fora do lar, mas a hospitalidade está bem atrelada a esses poucos espaços gastronômicos com estrutura turística.

- ESCADARIA DE MÃE LUIZA

Registrado oficialmente como Portal do Sol Klebson Nascimento e popularmente conhecido como Escadaria de Mãe Luiza, observa-se o atrativo turístico do bairro e da região

que possui maior apelo turístico atualmente. Mas nem sempre foi assim. Antes da estrutura atual se constituía no local uma escadaria precária que dava acesso limitado dos moradores do bairro à orla da cidade. A precariedade sempre esteve presente em todos os acessos e na estrutura de Mãe Luiza advindo da falta de assistencialismo estatal.

O período do mês de junho e julho sempre marcou a Cidade do Sol (Natal) como meses de maior frequência de chuvas. No ano de 2014, no período em que Natal sub-sediava a Copa do Mundo de Futebol, fortes chuvas causaram um sério deslizamento que atingiu a escada e parte de ruas e casas do bairro. A falta de assistência aliada às fortes chuvas criou um gigante buraco, destruindo casas e deixando desabrigadas diversas famílias.

O antigo espaço deu lugar a projeto moderno, a construção de uma nova escadaria que é vista hoje como um importante lugar de acesso dos moradores, local de práticas esportivas e painel de expressões artísticas - culminando em atrativo turístico. Atualmente diversos usos ocorrem neste território, diversos grupos, classes sociais utilizam o espaço para lazer e atividades físicas. Os moradores nem sempre se orgulharam da escadaria antiga e ainda há resquícios de insatisfação por ter que “esperar” acontecer um desastre para repaginar e ressignificar um local que é importante para o bairro. Hoje grande parte dos moradores se orgulham de terem um atrativo turístico sendo utilizado e levando o nome do bairro, aumentando o senso de pertencimento e orgulho dos moradores do bairro.

Figura 10

Mosaico fotográfico da Escadaria de Mãe Luiza.



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do videomaker, fotógrafo e morador do bairro Arthur Diego.*

- TRILHAS ECOLÓGICAS

O bairro de Mãe Luiza por ser circunvizinho de fragmentos da mata atlântica de transição que estão em área de proteção ambiental conhecida também como Parque das Dunas de Natal, antigos moradores falam sobre trilhas que utilizavam como rotas para chegarem a determinados lugares da cidade. Além disso, as crianças utilizavam no passado o espaço de morro e mata como forma de lazer. Nos dias atuais isso não é permitido pelos órgãos de controle, mas os moradores ainda acreditam ser possível utilizar numa perspectiva turística caso se desenvolva parcerias com tais órgãos. Esse tipo de iniciativa poderia diversificar a oferta turística, trazendo renda e benefícios na visão dos moradores.

Pessoas mais antigas do bairro conseguem efetivar o mapeamento dessas trilhas mas alertam que precisam ser melhor trabalhadas e que algumas podem ser perigosas devido a presença de animais. O espaço de mata atlântica é bem favorável para a execução da atividade, mas ainda bem desconhecido de forma geral.

Figura 11

Fotografia da zona de mata atlântica de Mãe Luiza



Nota: Recuperado do *Arquivo pessoal do videomaker, fotógrafo e morador do bairro Arthur Diego*.

Alysson Lucas de Oliveira Bezerril, morador e membro do bairro desde onde nasceu, conhece suas raízes e sente pertencimento na validação enquanto pesquisador e observador-participante deste estudo. É válido salientar que enquanto morador do bairro de Mãe Luiza, sempre percebeu, diferente das demais pessoas - cientificamente e turisticamente, o bairro como um espaço potencial para o desenvolvimento da atividade de variadas formas.

Nesse sentido, a relação de pertencimento começa desde quando nasceu mas se solidifica no decorrer do seu crescimento pessoal, profissional e academicamente. Isso

porque, trazer uma devolutiva para o bairro sempre foi um foco pessoal que se transfigura através de trabalhos sociais voluntários que foram desenvolvidos ainda na adolescência e enquanto aluno-pesquisador da graduação. Sempre que pôde, buscou estudar e desenvolver estudos que pudessem trazer novas perspectivas para a mudança da realidade cruel e amarga muitas vezes e já estigmatizada do bairro. Com isso, desenvolveu seu primeiro trabalho de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso com foco na Segregação e Integração Socioespacial envolvendo o território. Tal pesquisa rendeu em 2022 a 1ª colocação no 5º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN (Categoria: Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes).

Enquanto membro e uma pessoa dedicada ao lugar, a busca incessante por uma forma de mudar a realidade dos moradores e dar novas perspectivas turística a eles retorna. No mestrado, pensando em um lócus de pesquisa para aplicação do TBC o pesquisador volta-se mais uma vez para o bairro.

Entende-se que Mãe Luiza historicamente é um bairro autêntico e importante da cidade do Natal, têm suas raízes arraigadas em questões de povos da costa leste potiguar. Acredita-se ser possível então implantar o modelo de gestão em TBC no bairro, considerando a aplicabilidade e desenvolvimento da atividade turística naquela localidade.

5.1.2 Correlação das Premissas de Turismo de Base Comunitária propostas pelo Ministério do Turismo à realidade do Bairro De Mãe Luiza - Natal/RN

Para correlacionar as premissas que são propostas pelo Ministério do turismo com a realidade do bairro de Mãe Luiza, necessita-se partir da análise das premissas anteriormente propostas pelo Ministério do Turismo e efetivadas ao decorrer deste trabalho. Nesse sentido, entende-se que atingir todas as premissas em sua completude seria algo utópico na gestão do turismo tradicional e no turismo de base comunitária não seria diferente. O entendimento do turismo de base comunitária como uma alternativa ao modelo comum de se fazer turismo corroborado por Mendonça, Moraes e Catarcione (2016), elenca aspectos e características intrínsecas à atividade turística em um modelo que fará a comunidade conduzir e ser a principal protagonista nesse processo.

Essas experiências se tornaram um modelo alternativo de desenvolvimento turístico, onde se destaca o protagonismo das comunidades locais, inserido na busca pelo

turismo como estratégia de resistência e de luta. (Mendonça, Moraes e Catarcione. 2016, p. 234)

e que cada turista e/ou visitante vivencie uma realidade local diferente do seu habitat corroborado também por Irving (2009).

Em um sentido mais amplo, no plano global, novas tendências tem marcado também a “ressignificação” do turismo, como, por exemplo, uma mudança sutil no perfil de turistas, conectados progressivamente com os temas da responsabilidade social e ambiental, [...] que, por sua vez, buscaram dar maior visibilidade a destinos turísticos menos convencionais, mas capazes de viabilizar novas experiências e descobertas para um “cidadão global”, em busca de oportunidades de vivências e aprendizagens, para além do “cardápio” de opções disponíveis. (Irving, 2009, p. 109)

Diante disso, tratar sobre premissas nos faz refletir sobre a *autogestão* enquanto um ponto crucial de entendimento da relação entre indivíduo e comunidade sabendo que, em um formato muito positivo, o que é produzido pela comunidade deveria ficar com os produtores da comunidade. Neste ponto do turismo de base comunitária, a busca por autonomia para a tomada de decisão é primordial para o protagonismo da comunidade que deve perpassar os limites da participação comunitária, gerindo o próprio planejamento.

Neste sentido, quando pergunta-se a comunidade sobre a liberdade para a tomada de decisão, existe divergência de opiniões e quando se avalia juntamente com a resposta das lideranças, pode-se inferir que a comunidade tem liberdade para a tomada de decisões até certo ponto conforme MML 05 (ver quadro 03 pergunta 2) “-Eu penso que a comunidade tem liberdade de estar pensando e de estar encaminhando você” e corroborado por LD5 (ver quadro 04, pergunta 2) “-Aqui todo mundo é livre pra fazer o que quer e por muito tempo não foi assim, o problema é justamente algumas pessoas quererem que só o seu seja feito”, compreendendo assim que atende o item mas não totalmente tendo em vista que ainda não se têm ações do turismo para serem geridas, mas nesse mesmo sentido se percebe que o planejamento ainda não seria totalmente participativo, mas sim planejado por poucos. Por isso que o atendimento parcial do item se revela, uma vez que a realidade não alcança plenamente propósitos de autogestão como os de Castanheira & Pereira (2008), os quais ressaltam a necessidade de participação plena dos membros dos grupos envolvidos.

Para além disso, o item que trata sobre autogestão traz consigo questões voltadas para a manutenção da liderança dentro da comunidade, e, nesse sentido corroboram entre si que os líderes comunitários realmente são frutos da comunidade, mesmo que em muitos momentos

passam a atuar em outros locais devido a necessidades financeiras, mas acredita-se que os líderes atuantes dentro da comunidade, nasceram e cresceram frutos dela mesmo. Portanto, mesmo com o não alcance em sua totalidade, é possível perceber um caminho para o desenvolvimento e alcance da autogestão como forma de fortalecimento identitário e a manutenção de valores.

Na pergunta 2 do grupo focal, para *MML 01* a comunidade não tem liberdade para a tomada de decisões e isso deriva do falho entendimento entre interesses comunitários e interesses de cada liderança que atuam dentro da comunidade, “- Não, não se tem, quer dizer, existem conselhos onde não temos voz, né? A voz é a melhoria. É o pensamento deles”. Percebe-se uma divergência de opiniões, pois para *MML 05* a liberdade para a tomada de decisões existe: “- Ah, sim, eu vejo muito sim [...]. Eu penso que a comunidade tem liberdade de estar pensando e de estar encaminhando você” e justifica colocando que tudo que a comunidade tem hoje é resultado de uma luta comum: “- porque nada chegou em Mãe Luiza porque nos deram. Sempre foi muita luta, muita luta, a luz, a água, o calçamento, então, eu acho que, eu penso que os desejos devem continuar assim”. Apesar disso, corroboram entre si sobre os líderes serem formados dentro da comunidade. *MML 05*: “- eu penso que as nossas lideranças, elas aprenderam na comunidade. [...] as demais lideranças, que inclusive se candidataram, assim, muitos delas saíram daqui, né?”, com isso fica claro que lideranças são formadas na comunidade, porém, muitas delas precisam ser aproveitadas em outros lugares fora da comunidade.

Enquanto para lideranças *LD1* afirma informando que espaço para debates são proporcionados mas entende a comunidade ainda precisa de avanços, porém entende que sim, a comunidade tem liberdades que chamam a atenção e disse “Ainda precisa dar um avanço muito grande, aqui você sabe que tem uns seminários, comunidade é um espaço de debate, quando a gente convida a comunidade para debater, a comunidade vem”. Complementa informando que mesmo a comunidade coexistindo com antagonismos em um espaço geográfico limitado, não se existe pressão e sim liberdade de escolhas, *LD1* “é o bem e o mal que convive num espaço geográfico muito limitado, é como se a gente se encostasse para lá e para cá, mas se vive e se convive, mas eu acho que a comunidade tem uma liberdade, não existe uma pressão, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, eu acho que tem uma liberdade grande [...]”.

Acerca da formação e permanência dos jovens o entrevistado elenca alguns espaços próprios da comunidade que funciona na formação e manutenção dessas pessoas “Nós temos

vários espaços de formação, a gente já começa com o espaço livre, a base, a educação elementar, ela é muito importante” e completa dizendo que esses espaços abrem os olhos para uma construção futura: *LD1* -“de modo que são espaços que vão empoderando as pessoas e abrindo os olhos para o futuro, para uma construção. [...] então eu acho que tudo isso é fruto do que se é trabalhado nos diversos projetos sociais que a gente tem aqui”. Apesar disso, reconhece que ainda é difícil achar lideranças novas que dêem continuidade a um trabalho ou seja, que se formem e permaneçam no bairro desenvolvendo os trabalhos para a comunidade no qual se formou: *LD1* “ a gente tem dificuldade em encontrar jovens que se interessem por dar continuidade a um trabalho”.

LD3 e *LD4* corroboram acreditando que as pessoas da comunidade têm liberdade para a tomada de decisões mas que as decisões acabam por serem enviesadas pois, no fim, são voltadas a interesses próprios *LD4* -“O problema da comunidade é justamente esse, cada um olha para seu próprio umbigo, [...] moral da história, sempre é em algo em troca para receber”.

LD5 conclui informando que “Aqui todo mundo é livre pra fazer o que quer e por muito tempo não foi assim, o problema é justamente algumas pessoas quererem que só o seu seja feito”, ou seja, assim como outras pessoas acredita que a liberdade dentro do bairro existe, porém precisa de melhorar em alguns pontos e isso pode advir da mentalidade de cada um. Além disso, acredita que novas lideranças precisam serem formadas para que seja dada continuidade, pois percebe que os jovens não se atentam as lutas que foram conquistadas e que os líderes antigos estão envelhecendo e as lideranças precisam serem renovadas com o mesmo intuito de ajudar a comunidade, *LD5* -“Acredito que os jovens precisam se interessar pela renovação das lideranças da comunidade porque os antigos já estão deixando em segundo plano e precisamos de novas pessoas com a mesma motivação de ajudar a comunidade. Espaço para formação nós temos, [...] essas pessoas são formadas aqui mas muitas vezes vão para outros lugares pois lá eles vão ter um salário que pode ajudar coisa que aqui não temos, somente o orgulho de ser daqui”.

Dialogar e tratar sobre o Turismo de Base Comunitária em Mãe Luiza é compreender e analisar a premissa da *cooperação* como um dos aspectos importantes para o desenvolvimento da atividade no bairro. Isso porque, as relações sempre foram algo intrínsecos ao ser humano, principalmente, quando existem interesses e objetivos comuns. No contexto do Turismo de Base Comunitária a colaboração entre os atores seria o ponto crucial para o desenvolvimento de um ambiente favorável para a difusão da atividade em um bairro

cuja história tem como característica inerente o empoderamento e a resistência desde sua criação.

Desse modo, é importante compreender como se dá às relações sociais dentro do bairro, pois isso demonstra nos leva a compreensão de como se dá a construção comunitária em prol de um objetivo comum de forma associativa, deixando de lado a concorrência desleal e a competição mercadológica. Ao se questionar sobre como se desenvolve a relação entre os membros da comunidade, foi quase que unânime - tanto no grupo focal, quanto nas entrevistas individualizadas - informar que o interesse pessoal prevalece em diversos momentos, apesar disso, na mesma medida é ressaltado o quanto a comunidade trabalha em conjunto quando são interesses comuns e para o bem de todos.

Nesse sentido, quando perguntados no grupo focal sobre a pergunta 3 que trata de cooperação, segundo *MML 05* há uma divergência de opiniões pois cada um tem interesses próprios e reivindica que sua opinião prevaleça: “- É difícil, mas porque às vezes a gente quer que a nossa opinião prevaleça, mas o grupo é assim. O grupo não é fácil, né?” mas corrobora que dentro desse processo de construção e para o alcance de questões comuns a discordância faz parte desse momento e julga que isso sempre é em prol da melhoria comunitária “- Claro que existe um que pensa de um jeito, que existe outro que pensa de outro jeito [...], dar uma sugestão de um jeito, dar uma sugestão de outro jeito, mas eu acredito que tudo é viável e possível, né? Mesmo a gente pensando em determinadas coisas diferentes, mas é por aí, [...] isso ajuda também o próprio grupo a crescer, né? Desde que haja respeito”.

Isso também nos faz refletir e revisitar a fala desse membro do grupo pesquisado onde afirmava que sempre houve lutas comuns para a comunidade e atrela-se a concordância de que as questões antes eram obtidas com mais facilidade devido serem questões de “vida ou morte”. *MML 05*: “- Eu penso que no passado foi bem mais fácil até porque as necessidades também eram maiores, né? A necessidade era uma questão de vida ou de morte, né?”.

Para *MML 07* existe um processo natural a nível mundial acerca das crises de identidade que dificultam as lutas coletivas: “- Mas uma coisa natural que a gente está vendo, que a gente vive é uma crise de identidade, né? [...] é uma questão de representatividade. A gente vive numa crise assim onde as pessoas não se sentem representadas num coletivo. Acho que a década de 80 marcou a questão das lutas [...] e que as pessoas visavam um coletivo. E aí a gente visa muito o individual. Você precisa se sentir representado por alguém que é exatamente igual a você, não por um coletivo. O coletivo não representa mais”.

MML 03 concorda que a prioridade por lutas comuns tomaram um rumo onde se tem menor prioridade nas gerações atuais: “- Acredito que a luta pelo bairro em si tomou uma prioridade menor, principalmente pra essa geração de agora. Os mais antigos lutaram muito pra que a gente pudesse ter os recursos que a gente tem hoje dentro do bairro. Mas os de hoje a gente não vê tanta luta, tanta representatividade”.

Para as lideranças, sobre a cooperação e trabalho em conjunto informam que o bairro sempre foi um lugar de resistência e por isso quando querem, se juntam e fazem valer a pena, *LD5* -“Quando querem se unir, fazem valer a pena todo o tempo de luta, mas as vezes é um processo complicado porque tem a questão das vontades pessoais”. Ainda explica que o bairro é muito unido e que quando necessário pode contar um vizinho para ajudar *LD5* -“Aqui a pessoa se sente bem porque qualquer coisa é só chamar ou gritar que um vizinho corre e ajuda”.

LD4 vai afirmar que quando os moradores se propõem a lutar por algo, existe uma disposição e inclusive até elogia porque não observa isso em outros lugares mas destaca que vai muito do interesse e das vontades pessoais de cada pessoa. *LD4* -“Eu vejo que quando os moradores decidem ir atrás de algo se conquista e eu acho isso muito bonito pois não consigo enxergar em outros lugares nos quais visito, [...] então é uma relação muito boa quando se reúnem para conquistar suas lutas”.

Corroborando com o que foi dito em questões anteriores, *LD2* cita uma relação amistosa através de exemplo e reforça a ideia de que o senso de coletividade para ele é mais interessante do que o individual “Quando vai ter uma feirinha, por exemplo, se for ter uma feirinha aqui... Na hora que realmente botar essa feirinha em prática pra mover esses profissionais... Aí, como é que eu fazia isso? Aí eu ia lá no Clube de Mães das artesãs. [...] Eu conhecia alguns artesãos e eu já ia em alguns pra pegar outros que eu não conheço pra que realmente a gente pudesse fazer essa atividade. E também trazer esses artesãos também de fora. [...] Quanto mais a gente estende, mais abre esse canto, né?”, pode-se apontar que mesmo falando de um mesmo segmento (artesanato) o entrevistado *LD2* ainda continua citando uma relação amigável.

LD1 explica que existe uma metodologia deixada por uma personalidade que viveu e foi responsável por diversas coisas obtidas até hoje no bairro, ou seja, teve papel fundamental. Essa metodologia o entrevistado chama de seminários e explica como funciona: *LD1* - “Então, dentro da metodologia que o Padre Sabino deixou, a gente utiliza seminário. [...] nós vamos fazer mais um seminário para pensar a educação no bairro. [...] Então, aí como é que a

gente vai fazer? A gente provoca, através dos círculos de conversa, gera um documento, toma uma decisão, leva para as autoridades e traz a devolutiva para a comunidade”. Nesse sentido, a comunidade tem espaços para se relacionar acerca dos assuntos comunitários e conquistas.

Em vista disso, entende-se que a cooperação seria um ponto amplamente aceito mas ainda pouco trabalhado dentro do bairro e isso vai revelar um ambiente com poucas oportunidades e bem-estar mesmo que ainda esteja em um processo de desenvolvimento que está sendo estimulado. Nesse sentido, a cooperação parte do entendimento do desenvolvimento endógeno corroborado por Oliveira (2007)

o conceito de desenvolvimento endógeno pode ser entendido como um processo de crescimento econômico, implicando numa contínua ampliação da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Este processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda do local ou da região. (pp. 21-22)

Nesse sentido, a cooperação - no bairro - quando focada em assuntos comuns, torna-se predominante. Apesar disso, se percebe que há demasiadamente uma sobreposição de interesses próprios frente aos interesses comunitários e isso revela uma face contrária da cooperação que é a concorrência desleal potencializada pelo desenvolvimento exógeno

De fato, um dos pontos mais críticos quando se trata sobre as diretrizes do Turismo de Base Comunitária é a *solidariedade*. Isso porque, apesar de se aproximar muito da cooperação, a premissa da solidariedade vai abordar elementos da relação social, porém estabelecendo um sentimento, ou seja, uma relação de confiança com o objetivo de aumentar a conexão e coesão social (Brasil, 2023a, p. 42).

Assim sendo, o fortalecimento da coesão social de um bairro, comumente, vai perpassar por um estágio de conhecimento pleno que só se constrói através da relação íntima diária e isso seria possível somente em lugares que a rede de relações estão conectadas diariamente dentro dos limítrofes do bairro, pois também perpassa por formas de ver o mundo nas quais são estritamente parecidas devido aos conceitos previamente estabelecidos no dia a dia das pessoas do bairro.

Desse modo, as respostas para essa pergunta elevam o tom crítico dos entrevistados assumindo um papel de diversas opiniões e algumas dessas respostas podem caminhar para o mesmo sentido. Ao serem questionados sobre a confiança dos membros dentro da

comunidade, o desconforto pode ter sido um dos maiores entraves para o discorrer dessa questão pois muitos apesar de quererem falar, ficavam com receio de se comprometer. *MML 01*: “- Como todos? Como todos eu confio.”, *MML 02* “- Como todos eu também confio, mas como liderança não”.

Entretanto, percebe-se que mediante respostas e alguns tecendo confirmações positivas sobre confiar nos membros da comunidade, essa confiança se restringe aos seus círculos de amizade e não pode ser generalizada para os membros da comunidade quando trabalhados de forma ampla. Ademais, ainda há uma resistência sobre a confiança nas lideranças, visto que alguns chegam a afirmar que se entendem quando necessário pelo bem comum, mas confiança seria em tese algo complicado.

MML 01 ainda revela também um sentimento de estranheza quando colocadas as lideranças na pergunta e de desconfiança em pessoas de fora que detém poderes e que podem influenciar dentro da comunidade: “- Por enquanto a existir a política de fora que vai dentro dos centros comunitários e que esse pessoal de fora tenha força, não.” *MML 04* corrobora: “Como é que a gente pode confiar em umas pessoas que brigam entre si por poder?”. Apesar disso, há pessoas que não conseguem generalizar e atrelar a questão de confiança com as lideranças e ainda se percebe relatos de confiança com resquícios de esperança, como citado por *MML 03*: “- A gente ainda tem que acreditar, querendo ou não. A gente dá o voto de confiança. E assim, vai de cada um. Tem uns que eu ainda acredito. Eu realmente vejo a luta, vejo a pessoa ali de frente. [...] E aí, eu não generalizo. Tem uns que eu confio.”

Mesmo sendo do perfil das lideranças, há relatos que leva a insatisfação entre os líderes do bairro, *LD4* demonstra insatisfação ao ser perguntado sobre confiança, mas reitera que sua confiança, devido às insatisfações - ocorrida entre ele e outros membros, moradores e liderança - que confia somente em poucas pessoas que estão restritas ao seu ciclo de amizade, *LD4* -“Confio somente na minha família e nos meus amigos. [...] mesmo morando no mesmo bairro, como vou confiar em alguém que não conheço? e sobre as lideranças eu não confio em nenhum porque cada um só puxam para seu lado e seus interesses”

Enquanto *LD3* acredita que mesmo nos processos de luta e a comunidade se unir para conquistar algo a confiança está abalada devido aos processos políticos e interesses pessoais nos últimos anos advindo de uma política também polarizada a nível nacional que reflete também no bairro. *LD3* -“Confiar, a gente confiava mais antes, nos últimos anos existem algumas questões complicadas, inclusive que vai envolver política e por isso a gente vai

deixando de confiar, [...] ainda confio nos moradores de certa forma, mas nas lideranças a gente acaba por não confiar”.

LD5 apesar de por vezes desacreditar de algumas ações que são feitas dentro da comunidade, informa que confia nos moradores, e enquanto liderança informa que se entendem quando são chamados em prol do bem comum LD5 -“É difícil, a gente confia nos moradores mas não em todos. As pessoas que estão a frente das coisas, a gente precisa confiar né?! [...] mas acredito que confio mais quando são chamados para resolver algo para a comunidade como um todo, aí todo mundo se junta e se ajuda”

Portanto, a diretriz da solidariedade em destaque precisa ser melhor desenvolvida na comunidade pois ainda não atende completamente todos os requisitos mas se aproxima e se entende do ponto de vista que para o desenvolvimento da atividade no bairro, se faz necessário aumentar/criar a confiança e alavancar aspectos dessa premissa (Paulics, 2001), é um trabalho em conjunto dos moradores do bairro em comum acordo com as lideranças e representantes.

A abordagem de assuntos como os impactos socioambientais da atividade turística é algo que tem ocorrido nos últimos anos, isso porque, em todos os âmbitos foca-se na sustentabilidade como manutenção de recursos naturais para as demais gerações. A busca por um modelo de gestão do turismo mais responsável têm sido uma forma de mitigar a médio e longo prazo o impacto negativo que a atividade turística pode trazer. Diante disso, a *responsabilidade socioambiental* enquanto premissa poderá possivelmente garantir uma diretriz de trabalho e desenvolvimento do turismo focado na gestão de recursos e principalmente os ambientais.

Nesse caso, o desenvolvimento sustentável quando bem gerido e aplicado revela um território demarcado por oportunidades, isso porque a responsabilidade socioambiental vai ser pautada não somente como forma legal mas será um fator determinante para a competitividade. Não obstante disso, a possibilitação de um ambiente favorável para a execução da atividade, pode ser entendido como papel fundamental da comunidade como um todo, isso se transfigura em ações citadas anteriormente, que podem ser exemplificadas como: a gestão de resíduos, a coleta seletiva, a reciclagem, a preservação do ambiente e das espécies e entre outros.

O que se percebe e também mediante os relatos colhidos é que Mãe Luiza apesar da coleta do lixo todos os dias, ainda necessita de avanços quanto a gestão ambiental e gestão de resíduos, isso porque, a coleta seletiva e seletiva ainda não é uma realidade do bairro

atualmente, e não havendo muita discordância nos relatos e nos entrevistados, é unânime que o descarte correto do lixo e a reciclagem ainda estão longe do ideal, mas compreendem que isso perpassa também por questões de educação comunitária e por isso, trabalhos são feitos nas escolas voltados para essas questões de reeducação ambiental.

No grupo focal quando perguntados na pergunta 5 “Se percebe alguma ação de preservação do meio ambiente da comunidade?” Quanto às questões ambientais, percebe-se que não há muita discordância entre os participantes - apesar de criticarem sobre o descarte correto do lixo - e conseguem elencar algumas ações feitas em conjunto no bairro. *MML 07* “em relação a isso tem, acho que toda terça vem o pessoal da COSERN...[...] fica recolhendo o lixo reciclado aqui e a pessoa que traz o seu lixo reciclado ganha desconto na energia. O pessoal da Casa Crescer (Escola de reforço para crianças - faz parte da ONG) fez uma ação esse ano de plantar árvores no bairro”.

MML 05 reitera colocando o trabalho desenvolvido pela comunidade dentro do bairro “as nossas escolas, por exemplo, [...] elas estão trabalhando um projeto sobre o território, mas que é a arborização desse território, desse embelezamento, então vem um produto final onde os meninos vão plantar um jardim [...]” e conclui entendendo que Mãe Luiza precisa melhorar alguns aspectos mas que já evoluiu bastante comparado à outras épocas “Eu penso que Mãe Luiza evoluiu muito na questão dos lixões, não é? Existiam grandes lixões aqui em Mãe Luiza antigamente, que ainda precisa melhorar... precisa porque a gente ainda não dá o descarte correto ao lixo”.

Nesse sentido, *MML 03* ainda relembra sobre a ZPA 10 (Zona de Proteção Ambiental) que circunda o bairro e onde se localiza um importante atrativo, o Farol de Mãe Luiza “A ZPA 10, a ZPA de preservação ambiental” e cita que o plano diretor - em vigência na data do grupo focal - seria uma das formas de resistência voltadas ao meio ambiente “o plano diretor é uma forma de prevenção do meio ambiente também. O plano diretor assim, a luta, né?! No caso dito de prevenir o meio ambiente. E aí eu entendo o seguinte, que existe uma proteção, [...] ali naquela parte próximo ao farol, na duna, [...] nós temos a nossa zona de proteção ambiental naquele local. O Parque das Dunas também é uma zona de proteção ambiental, que também não pode ser mexido. Então nesse sentido de proteção ambiental, realmente eu acredito que exista”.

Para além disso, o grupo discorre que foi pensado reuniões na comunidade para se pensar a coleta seletiva mas que teve o aval da Urbana (Empresa de limpeza urbana da cidade) que o lixo de Mãe Luiza é um lixo sem valor e isso advém da questão da reciclagem

das pessoas antes mesmo do descarte, *MML 05* “Só que foi detectado que o lixo de Mãe Luiza não era um lixo de valor, entende? Foi a Urbana que disse pra gente aqui” e *MML 03* sobre a reciclagem antes do descarte “Lá em casa a gente saiu juntando latinha” e *MML 07* conclui refletindo que devido a reciclagem o lixo seria sem valor pois o restante seria somente descarte “Porque o alumínio mesmo, um plástico, metal tem gente que junta e vende. Por isso, principalmente, não é interessante pra coleta seletiva”.

Quando perguntado para as lideranças sobre as ações de preservação do meio ambiente, cita também a questão da coleta seletiva do lixo: *LDI*: -“Aqui na comunidade a gente está com um projeto de lixo, não só para a comunidade, [...] queremos incentivar a implantação da coleta seletiva”. Para além desse feito, o entrevistado cita algumas formas de ampliação de projetos já existentes no bairro como “Então imagina se a gente conseguisse maiorizar uma rede educativa, socioambiental, de modo que a gente, em cada setor ter o seu ponto de coleta”.

Ademais, cita que a coleta de lixo passa todos os dias diferente de outros bairros e coloca que a reciclagem acontece mas de forma tímida e sinaliza que se a comunidade aderir a ideia adotando medidas, pode ser de grande valor. *LDI* -“Imagina se a gente, no bairro de Mãe Luiza, o lixo for reciclado aqui. É possível, mas a comunidade precisa comprar, aderir a essa ideia” e corrobora que é um trabalho também ainda de questões educacionais que precisa ser melhor executado “A gente precisa fazer esse trabalho de educação” e coloca que a intenção é “principalmente uma Mãe Luiza que tem a responsabilidade com o lixo que é gerado na própria comunidade”.

LD2 Destaca que recentemente fizeram um plantio no bairro “Rapaz, nós fizemos recente um plantio”. Nesse caso, *LD2* vai destacar também que ele também faz coleta e outros “Eu também faço, né? Um povo de coletas, de reciclagem” e destaca que no bairro há também um processo educativo através de projetos sociais da comunidade “O projeto aqui, a gente faz usando a própria comunidade. [...] Pegava esses plásticos, tava vendendo eles. A gente está revertendo para um projeto de futebol feminino. [...] Então a gente está revertendo essas ajudas para a questão dos gatos de rua também”.

Para *LD4*, seria um problema de educação e falta de conhecimento das pessoas para com o lixo e com a preservação ambiental e questões sustentáveis, *LD4* cita -”Pra falar a verdade, é o povo que é mal educado. [...] É conscientização social de cada um” e vai além demonstra insatisfação dizendo que não vê perspectiva de melhoria das pessoas do bairro

nesse sentido “É complicado, é uma doença crônica onde eu tenho certeza que está longe do fim, no momento não tem cura”.

Informa que não está muito antenado nesse sentido, mas que percebe que a coleta do lixo passa todos os dias no bairro e reitera informações anteriores que a comunidade produz muito lixo e pouco se aproveita no sentido de reciclar. LD5 -“Confesso que não sou a melhor pessoa para falar sobre isso [...], mas vejo que o bairro tem muito lixo apesar do caminhão passar recolhendo todos os dias [...], acho que a comunidade pode melhorar no caso da separação do descarte do lixo e focar na reciclagem”. Além disso, vai destacar que existem projetos na comunidade que tratam e educam sobre isso, LD5 -“existem alguns projetos no bairro que conseguem falar melhor e colocar em prática com crianças e tudo mais”.

Ou seja, a comunidade atende pouco ao quesito responsabilidade socioambiental e isso se torna um ponto extremamente curioso, pois o bairro de Mãe Luiza se desenvolve e é criado em uma zona de mata atlântica mas diante aos relatos percebe um avanço de forma lenta, é verdade, mas um processo de desenvolvimento que esperam gerar frutos futuros, mas é bem verdade que a responsabilidade socioambiental ainda se configura como um desafio frequente de toda a sociedade como corroborado por Lins & Silva (2009)

No momento atual, o maior desafio da sociedade organizada, das grandes empresas e de governos é o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental, o chamado desenvolvimento sustentável, ou seja, atender as necessidades de hoje sem comprometer as necessidades das futuras gerações. (p. 92)

Culturalmente tratando, Mãe Luiza sempre foi destaque em muitas vertentes culturais na capital Natal. A *interculturalidade* nos moldes do Turismo de Base Comunitária possibilita um ambiente colaborativo de diversas culturas atuantes no mesmo território. Posto isso, não se compreende a sobreposição de culturas, mas o estreitamento de laços para que não ocorra predominância de uma somente.

A potencialização do senso de pertencimento tem como característica o respeito e a valorização de cada movimento cultural, mesmo que em momentos um esteja em maior destaque. A importante troca entre atores da atividade turística é onde se pauta a interculturalidade no Turismo de Base Comunitária, nesse sentido coletar relatos de como os moradores - e para esta pesquisa, entrevistados - percebem a diversidade cultural em um mesmo ambiente - e para esta pesquisa, o lócus da sua comunidade - seria analisar como se dá

a relação e aceitação de diversas culturas em um mesmo território respeitando as suas diferenças e semelhanças.

Adentrar com o grupo focal no quesito de diversidade cultural que advém e ocorre dentro da comunidade os relatos divergem, apesar de concordarem que a pluralidade cultural seria algo interessante e bom pra comunidade, há discordância no sentido de que alguns movimentos culturais não chegam a representar a comunidade pois não levariam “o nome”, ou seja, não carregam representatividade da comunidade. *MML 07* concorda que há diversidade cultural e sobre como a enxerga no bairro, dizendo: “- Eu acho que existe sim. Eu acho muito interessante.”

MML 03 reforça citando um exemplo de movimento cultural que acontece: “- As quadrilhas juninas”. *MML 01* critica discorrendo que esse movimento cultural citado não representaria a comunidade, apesar de serem do bairro: “- Eu não vejo uma quadrilha representando aqui. [...] o pessoal é daqui, mas não se faz nada por aqui. Eu sinto essa falta.” *MML 04* completa: “- Eu sinto essa falta. Minha filha faz parte de quadrilha e ela herdou esse amor da cultura por mim. Eu saía em escola de samba. Eu passei isso para ela. E eu sinto essa falta.”, mas concorda que ainda assim, que os movimentos culturais fazem atividades pontuais na comunidade deixando claro uma vivência que pode ser aproveitada se melhor organizada e pensada: “- Às vezes faz ensaio.”

MML 06 relembra tempos anteriores onde se tinha presença de visitantes para contemplar as festividades do bairro: “- Eu lembro que a João XXIII (Avenida principal da comunidade) aqui de frente à igreja era um polo. Era muita gente aqui. Mas vinha pessoas de fora. A época era muito boa”. *MML 03* coloca que necessitam entender os motivos pelo qual os movimentos culturais não fazem mais atividades dentro da comunidade: “- O porquê que essas pessoas não se apresentam na comunidade. Será que é por falta de recurso? Será que é por falta de apoio das próprias lideranças da comunidade?” e *MML 02* completa: “- Como você está falando, não organiza mas também não dá a liberdade de ensaiar aqui. É difícil de conseguir um espaço”.

Um outro ponto interessante é quando cita-se a descaracterização cultural e entram em desacordo. *MML 01* questiona “Era um polo. São João você vai hoje a um paredão de som. Com aquela música que narra o sexo. Um carnaval é a mesma coisa. Isso é cultura?” e *MML 07* responde “É, você não se identifica, mas é”. E para além dos movimentos citados, trazem muitos outros para essa reflexão *MML 06* “quadrilha, escola de samba, dança cultural que tem lá nas rocas(Araruna), o jantar na igreja que as senhoras dançam” e *MML 07*

complementa “aqui ainda tem esse grupo de Jacarandá (dança cultural), fim de ano o Natal Luz, [...] apresentação da escola de música (Banda filarmônica)”, *MML 01* “tem a roda de samba (Samba no morro), escolinha de surf” e *MML 03* “tem agora na sexta na escadaria (Samba na escadaria)”, *MML 05* “tem a capoeira né?!”. Por fim, concordam que o bairro de Mãe Luiza seria um facilitador e reduto de diversos movimentos culturais e sociais.

Enquanto entrevista com as lideranças, os entrevistados elencam as manifestações culturais que eles mais julgam importantes *LD1* - “Aqui na comunidade é a quadrilha, é a escola de samba, [...] temos os pintores, os artistas plástico [...], temos poetas e poetisas, compositores, nós temos músicos dos diversos estilos, na parte esportiva nós já temos competidores nacionais” e reflete sobre a diversidade cultural dizendo ser algo natural “De fato são coisas que ocorrem ao mesmo tempo em diversos lugares do bairro, então se misturam em determinados momentos. [...] Eu acho natural porque é a vivacidade do bairro. Eu gosto muito de uma ilusão que é um bairro vivo. Qualquer hora do dia e da noite você encontra a gente na rua [...] É um bairro barulhento sim, mas é um bairro alegre. Com seus problemas, suas dificuldades e que convive”.

Apesar de participar de projetos culturais, o entrevistado *LD2* vai destacar que vê a diversidade cultural como algo que existe dentro da comunidade e reconhece, porém, na opinião dele não funciona e reitera informando que em seu ponto de vista não há uma organização e coletividade no funcionamento “Eu vejo de uma forma que não funciona. Porque para mim só funciona aquilo que tem uma coletividade”. Neste caso, a concepção de *LD2* e que quando trabalhado a diversidade cultural de forma organizada e conjunta, tende a crescer todo o bairro e não somente um tipo de manifestação cultural, *LD2* - “se você pegar diversos membros que realmente fazem alguma atividade isolada e você unir elas para realmente fazer uma atividade maciça, aí isso fortalece, isso cresce. Não cresce só aquela quadrilha, só aquela capoeira, só aquele... Isso cresce o todo”.

LD5 como pessoa pertencente às manifestações culturais assim como outros entrevistados, acha interessante pois as pessoas podem escolher como querem manifestar sua cultura, apesar de compreender que a ajuda muitas vezes é falha. *LD5* - “Acho que é bem difícil fazer cultura na comunidade, acho que as quadrilhas, escola de samba, capoeira e outros são muito resistentes, [...], mas é importante para o bairro porque cada morador pode escolher o que quer fazer e participar e não deixa de fazer parte de nossa cultura e história, mas ainda precisamos de ajuda para desenvolver melhor a nossa cultura”.

Apesar de aceitar e gostar bastante da pluralidade cultural que o bairro consegue ofertar e acreditar que -“Tem muita gente boa”, LD3 informa que essa diversidade cultural ainda não se torna maior por falta de apoio “Infelizmente, não temos apoio. [...] ou você tira do bolso e vai arcar com suas necessidades, ou você não vai”. Nesse mesmo tom, cita que não terem espaço para praticarem suas atividades, acaba por dificultar a valorização inclusive pelo turismo “tem o pessoal da dança, das quadrilhas, da capoeira, mas a gente não tem espaço, [...] é uma revolução pra conseguir um espaço”. Complementa dizendo que “Mãe Luiza tem muita gente boa sim, mas não é visto porque não tem espaço”.

Diante dos relatos apresentados ao decorrer desta pesquisa, se percebe que o bairro de Mãe Luiza é um dos bairros da cidade do Natal que mais existem questões voltadas para o âmbito cultural, com isso, os entrevistados vão citar unânime no mínimo 3 representações culturais que advém da comunidade e são destaques municipais e/ou estaduais. Além disso, quando solicita para mencionar o que o bairro produz de interessante para ser utilizado pelo turismo, a cultura e a história ganham notabilidade nas citações.

O que se quer demonstrar é que do ponto de vista da diretriz necessita-se compreender se a gestão e o bairro são facilitadores de um ambiente de diversas culturas atuantes, mesmo que em diversos momentos possam existir pontos de melhorias e desenvolvimento - principalmente de auxílio e apoio do poder público - mas, de fato se percebe diversas culturas atuantes no bairro e diversas formas de externar a manifestação cultural à sua forma, sem a hegemonia de uma cultura que, nesse formato, iria caracterizar a multiculturalidade onde “no qual se abandonam as particularidades nacionais e peculiaridades históricas de cada povo, para se homologar um mundo homogêneo, regido pelo olhar universalista” (Weissmann, 2018, p. 24).

A busca por uma sociedade igualitária sempre foi um foco da sociedade como um todo, mas no Turismo de Base Comunitária esses conceitos são perpassados e se caracteriza a incessante busca pela *equidade social* que perpassa os limítrofes da igualdade mas se considera a justiça na forma de buscar igualdade, ou seja, um conceito voltado para o proporcional.

Nos últimos anos muito se tem discutido a busca por uma sociedade mais justa e inclusiva, e no turismo não seria diferente, à medida que um desenvolvimento turístico começa a fazer parte da realidade de um bairro se percebe mudanças significativas na forma de se ver e vivenciar a comunidade, nesse sentido a distribuição dos benefícios e acessos de forma equitativa seria, de certa forma, utópica. A realidade do bairro de Mãe Luiza não seria

diferente, o alcance dessa premissa de forma completa ainda não é atendido de forma ideal e, assim como demais lugares que trabalham o Turismo de Base Comunitária pode necessitar de melhorias.

O grupo entra em concordância quando se pergunta sobre os acessos e logo vem uma negativa informando que os acessos são distintos quando se remete ao acesso em outros locais e que a forma como são tratados também difere quando se declaram moradores do bairro. *MML 01* “Não, [...] e, para me proteger, eu sou obrigada a dizer que não moro.” e *MML 03* corrobora dizendo que tem “preguiça” de falar que é do bairro por ter que dar explicações e sente um preconceito velado “em vários locais que eu já fui de trabalho e tudo mais a pessoa às vezes tem até preguiça de dizer onde mora e ter que escutar várias coisas, sabe? Não é nem perguntar, se fosse perguntar ainda era bom. Você querendo ou não, eu acho que é aquele preconceito e às vezes pode ser até velado no meio de uma brincadeira” e *MML 07* corrobora que o turismo pode ajudar a desestigmatizar o bairro nesse sentido “E acho até legal que a ideia do turismo venha pra desmistificar isso”.

Acerca dos acessos para se desenvolver dentro do bairro, diante das falas se entende que a comunidade proporciona alguns espaços - inclusive alguns citados no anteriormente no grupo como Casa Crescer, CMEI, Escolinha - para esse desenvolvimento de crianças e jovens, mas que ainda assim não existem as mesmas oportunidades para todos da comunidade, *MML 05* “Não, não. E, mais uma vez, é a ausência do poder público, né?” e continua citando e exemplificando sobre casos de crianças que mesmo muito jovens têm o peso de responsabilidades e têm seus acessos limitados “Alguns já têm peso, que já não vivem mais aquela coisa de criança. Outras são órfãs de pais e mães já muito cedo”. Por fim, acreditam que se há esperança de uma nova realidade através de políticas públicas voltadas para esse tema, *MML 02* “Se de repente houvesse mais políticas públicas e mais oportunidade por esses meninos e essas meninas, com certeza a coisa seria outra, a realidade seria outra”.

De acordo com LD1, essas são questões de possibilidade depende de outros fatores como o estudo “Possibilidades. Depende muito de estudos, sabe? Mesmo quem não tem estudo, quem tem criatividade, cria as possibilidades” e além disso coloca que, depende também de cada pessoa criar suas próprias oportunidades, e entende que as possibilidades de acesso inclusive para a juventude existe, mas que nesse caso, torna-se mal aproveitada por esses jovens “mas eu acho que possibilidades todos nós temos, principalmente para a juventude. O problema é que a juventude se acomoda. A possibilidade não está fora da gente, está dentro da gente.”.

Para além disso, relembra de uma forma de incentivo criado em parceria com a presidente da ‘Amerópa’ para incentivos financeiros voltados ao comércio local “que é a presidente da Amerópa, que nos ajuda bastante. Ela ama tanto Mãe Luiza que ela criou uma empresa para fazer empréstimos, para os empreendedores de Mãe Luiza. Quem era cabeleireiro, quem tinha um bar, quem tinha um café... Qual era o interesse dela? Que as pessoas crescessem, se estabilizassem, fosse se estabelecendo como comerciante local. Acho que não houve muita credibilidade, sabe? O retorno foi pouco, a enrolada também de não devolver foi muito também, mas eu acho que possibilidades todos nós temos”. E não-obstante, traz que a comunidade deve está mais atenta aos talentos que surgem pois isso também é uma possibilidade de acesso “A gente precisa estar atento a esses talentos aí que desenvolvem a nossa possibilidade. Alguém tem que abrir os olhos para essas possibilidades”.

LD2 vai entender assim como *LD1* que referente aos acessos, mesmo sendo possibilitados dentro da comunidade, teria que ser do interesse de cada pessoa “isso aí também depende muito de você. Porque às vezes quando vem a oportunidade, quando ela chega, você tem que abraçar. Nem todo mundo abraça, nem todo mundo quer”. Além diss, vai citar que as crianças na educação têm possibilidade de se desenvolver desde muito cedo, isso também advém da comunidade possuir 3 CMEI’s e que poderia ter um suporte maior nesse sentido de acessos “Elas têm, assim, se desenvolvem na questão da educação, porque nós temos aí três CMEI’s que não têm um suporte legal [...]” e finaliza informando que tem haver com questões culturais que necessita adentrar mais dentro dos centro formadores desses jovens “eu acho que é questão cultural, [...] ela precisava entrar mais dentro das escolas”.

Segundo *LD4* existe possibilidade de acesso a diversas coisas na comunidade e justifica exemplificando a saúde “Acesso até tem, por exemplo, eu tenho neurologista marcado” mas reitera que seria uma ironia já que o acesso existe mas de forma deturpada “Eu já marquei duas vezes porque o médico faltou, [...] é um acesso mentiroso”, ou seja, está lá para que a comunidade acesse mas de certa forma, acaba por não ser efetivado o que necessitava e coloca que “[...] quem tem mais condições paga porque tem o acesso, mas muitas vezes ele é limitado”.

LD5 coloca que nem sempre as oportunidades são as mesmas, porém existem acessos na comunidade mesmo que não acredite serem os melhores, *LD5* -“Acho que as oportunidades não são iguais, alguns conseguem acessos melhores que outros, mas vejo como normal [...], na comunidade mesmo a gente tem alguns acessos, mesmo que não sejam os melhores que existem, mas acessos existem [...]” acaba por citar as escolas, grupos culturais e

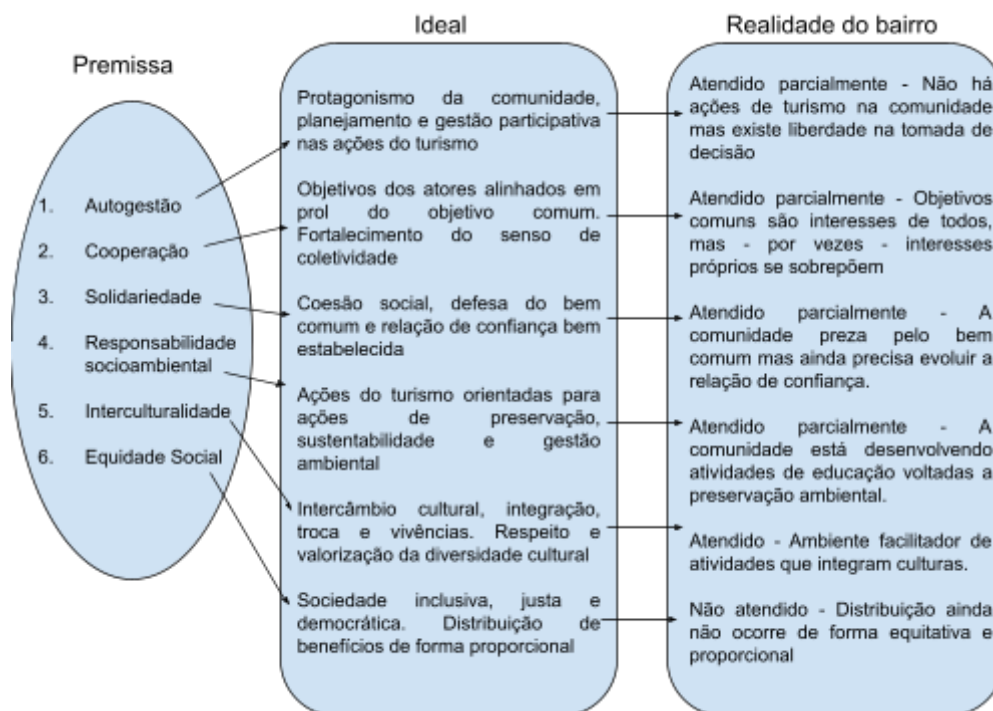
entre outros. O entrevistado também fala sobre o desinteresse visível das pessoas de irem em busca das oportunidades “O que a gente precisa falar também é sobre o desinteresse dessas pessoas que é algo que cresceu muito”.

É possível perceber que quando questionados sobre os acessos na comunidade para o desenvolvimento dessas pessoas de forma equitativa, a resposta em termos gerais pode se considerar parcialmente não atendida, pois o entendimento dos entrevistados é que mesmo com alguns acessos, estes não são igualitários para todos. Mesmo havendo pouca divergência nas respostas apresentadas, o que se percebe é uma convergência acerca do interesse das pessoas, colocam quase de forma unânime que o interesse tem que partir de cada um mas não é o que ocorre de fato. A equidade social no Turismo de Base Comunitária se bem trabalhada oportuniza um ambiente de desenvolvimento igualitário onde se reduz barreiras sociais.

Diante disso, se desenvolve em um formato ilustrativo acerca do entendimento da correlação das premissas do Turismo de Base Comunitária do MTUR à realidade do bairro de Mãe Luiza.

Figura 12

Correlação da premissa com a realidade de Mãe Luiza



Fonte: Autoria própria (2025)

5.1.3 Proposição e discussão sobre Iniciativas de Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas de acordo com à realidade do bairro de Mãe Luiza, a partir da percepção dos atores sociais da localidade

O Turismo de Base Comunitária comumente associado a lugares rurais (Moraes et. al., 2020) com comunidades tradicionais onde se destacam as questões voltadas para a valorização cultural e questões acerca da sustentabilidade, seria o ambiente propício e perfeito para o desenvolvimento de tais atividades. Apesar disso, nos últimos anos se percebe uma crescente necessidade de desenvolver o Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas, principalmente em zonas de bairros periféricos e regiões populares (Mano et al., 2017), que também irão destacar a valorização cultural e outros pontos, mas que irão possivelmente advir de lutas e processos de resistência comuns dos moradores. Nesse sentido Moraes et. al. (2020) coloca que

É possível afirmar que a maioria das experiências de TBC surgiu em áreas rurais de elevada diversidade biológica, nas quais vivem diferentes grupos humanos que ali exercem as suas atividades produtivas tradicionais e, mais recentemente, expandiu-se para as áreas urbanas caracterizadas como favelas. (pp. 149-150)

Na pergunta 1 “-Qual a importância em desenvolver o turismo na comunidade?” A comunidade julga ser de extrema importância o desenvolvimento da atividade turística dentro dos limites do bairro, pois entendem que existe um potencial turístico. Isso comumente pode advir de uma percepção - por vezes reducionista - de um turismo formado nos moldes da geração de emprego e renda. As respostas se voltam para um acesso facilitado a oportunidades que hoje não são possíveis de serem acessadas dentro da comunidade e corroboram que há saberes e fazeres próprios da comunidade como artesanato, culinária e as vivências em quadrilhas juninas, escola de samba, banda filarmônica como potenciais para o desenvolvimento da atividade turística no bairro.

Segundo *MML 01*, “- Sabemos do potencial que a gente tem. [...] acredito que seria muito bom e que não se estenda somente a venda. [...] acredito que a parte positiva seria nesse sentido de ver as próximas gerações ter oportunidades porque o turismo vai além de somente conhecer o belo, aí você já vende a nossa comida (a nossa culinária), você vende o artesanato.” *MML 04 acrescenta*: “- É a nossa cultura né.. nós somos um bairro rico em cultura com a escola de samba, as quadrilhas, a nossa banda filarmônica.” Para *MML 05*: “-

Esse turismo de base comunitária já falaram aqui e acho de extrema importância e, de repente, Mãe Luiza poderia ter um diferencial das outras comunidades que seria como por exemplo os trajetos. [...] A gente vê tanto em outros países, esse turismo de base comunitária em Bogotá, de comunidades que eram muito perigosas. No próprio Rio de Janeiro é possível. Em qualquer lugar é possível porque eu acredito que produzir isso sendo trabalhado e sendo apoiado, a gente está também fazendo prevenção.” *MML 02* aponta: “- e movimenta até a economia também.”

MML 03 acha que: “- impacta na economia da comunidade.” e concorda que o potencial do bairro é voltado para o turismo “- O bairro em si, eu acho que o potencial dele, de fato, é o turismo, querendo ou não. Porque não é um bairro de grandes empresas como Candelária, como Lagoa Nova, não é um bairro industrial igual alguns bairros da Zona Norte [...]. E o potencial que Mãe Luiza pode ter mesmo é o turismo, que possa realmente impactar na vida da comunidade e trazer mais empregabilidade para todo mundo”.

Mesmo entendendo que falar de turismo no bairro de Mãe Luiza seria algo diferente *LDI* “Então num bairro como esse, falar de turismo é uma coisa diferente”. Diante disso, se questiona que tipo de turista teria interesse em visitar o bairro e faz isso através de uma pergunta retórica respondida por ele mesmo logo em seguida “quem é que vai ter interesse de vir aqui pra conhecer Mãe Luiza? Se não vier de um projeto, de uma base, se não tiver interesse com um humanismo integral, sabe” ou seja, compreende que o turismo nesse sentido teriam pessoas com interesses humanitários e cita também o “turismo social” mas compreende que é de suma importância o desenvolvimento do TBC na comunidade e acredita que isso pode elencar ainda mais o senso de pertencimento das pessoas do bairro, *LDI* discorre “Então a gente acha que é muito importante quando a gente consegue, primeiro, valorizar a própria comunidade de modo que ela se conheça a si mesmo”. Portanto acreditar que o desenvolvimento na comunidade seria importante devido ao potencial atrelado a ele, *LDI* diz que “Então eu acho que toda a abertura, o turismo ele tem um potencial muito grande, ele tem uma abertura muito grande, porque mistura conhecimentos, saberes, sabores, tudo isso eu acho que é muito interessante.”

LD2 vai julgar a importância do turismo na comunidade como algo de extrema importância pois segundo ele isso “traz um retorno”. Apesar de trazer esse quesito de retorno positivo e pensar na questão de renda, elenca que há muitos artesãos no bairro, exalta a cultura mas se tem o pensamento de renda atrelado ao turismo “Isso traz um valor financeiro também. Artístico e financeiro. Pra esse povo que realmente precisa”.

LD3 demonstra que é algo muito importante para o bairro, mas que não teria algo estabelecido e por isso, o turismo somente utiliza o bairro como via de passagem e acaba por não conhecer. Além disso, ainda entende que o bairro por ser estigmatizado referente a violência, seria ainda mais difícil em todos os âmbitos LD3 -“A gente tem uma comunidade muito criticada e muitas vezes o turismo não entra aqui, só passa”. E complementa dizendo que onde fazem rodas de capoeira o turista para pra ver e valorizar mas dentro da comunidade ainda não é algo utilizado, apesar de importante é uma cultura que apesar de existir dentro da comunidade não se tem uma rotina voltada para o turismo nesse sentido.

LD4 apesar de julgar importante para as questões sociais e mais uma vez contemplando o turismo como uma atividade puramente econômica, demonstra insatisfação por ser algo que não se concretiza na comunidade, LD4 -“Se a gente for falar de trabalho social, ou da capoeira como ferramenta educacional, eu consigo te responder, mas sobre o turismo a gente fica até perdido, porque não é algo que acontece aqui na comunidade”. E complementa dizendo que se a atividade turística se consolidar no bairro, seria de grande valor, LD4 -”Se o turismo vier pra cá seria uma boa, até pra tentar ampliar o leque de oportunidades, até para cultura do bairro, digo isso como perspectiva”.

LD5 compreende que seria de extrema importância e que isso poderia gerar frutos para a comunidade melhorando inclusive os índices de qualidade de vida, mas associa essa melhora a questões de renda e emprego pois entende que isso seria uma das coisas mais importantes para o bairro. LD5 -“Acredito que o turismo é uma das vias mais rápidas para ajudar a comunidade a conquistar emprego e melhorar o financeiro. [...] além disso, a comunidade precisa e com o turismo a gente acha que pode melhorar de alguma forma e está perto de praias e muito perto de tudo da cidade”.

Nesse sentido, a popularização da atividade turística nos moldes do Turismo de Base Comunitária vem sendo desenvolvida em áreas urbanas, principalmente em lugares que a diferença entre seres no viés socioeconômico ganha ainda mais destaque. Para áreas urbanas o Turismo de Base Comunitária manifesta formas diferentes de se apresentar, pois essa mudança estaria também relacionada à realidade da cidade juntamente com o processo de lutas e resistência da comunidade.

Isto posto, é possível compreender que o Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas apresenta um campo interessante para análise devido aos poucos estudos científicos que tratam acerca do TBC em zonas urbanas. Isso porque são gerados desafios significativos mas que são exclusivos para áreas urbanas. O que é possível perceber que mesmo tratando do

mesmo modelo de gestão da atividade turística, os desafios são distintos e isso se demonstra não somente no lugar, mas na motivação do turista, na relação com o entorno, e no direcionamentos que se dá de formas diferentes.

Ou seja, comumente o Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas vai acontecer em regiões e bairros periféricos onde as dinâmicas socioeconômicas estão realçadas e são marcados por um processo de desigualdade social, além disso, comumente esses lugares estão dentro de territórios com disputa territorial muito intensas e Moraes et. al. (2020) corroboram com essas questões, assinalando que a atividade turística voltada para o Turismo de Base Comunitária também representa uma das variadas formas de resistência para esse determinado povo.

Na perspectiva conceitual e política, o TBC tem sido também associado ao sentido das lutas dos movimentos de resistências relacionados aos direitos à posse da terra, de acesso e uso dos recursos naturais. (Moraes et. al, 2020, p. 150)

As iniciativas de Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas vão se tornar importantes por democratizarem o turismo em uma zona incomum de se acontecer a atividade guardando o modo de vida tradicional (Sampaio, 2011) mesmo em uma zona urbana. Nesse sentido, as comunidades que são desfavorecidas em diversos aspectos e até estigmatizadas, marginalizadas e invisibilizadas conseguem mostrar sua história, sua cultura e para além disso, conseguem ter um desenvolvimento que sem o turismo provavelmente não conseguiria obter.

Por isso que, a atividade é tão importante aos olhos dos comunitários dessas zonas urbanas, pois demonstra uma possível “saída” ou pode ser um momento de demonstrar quem você é permitindo assim a valorização cultural, a identidade local e abre espaço para a geração de renda - como um dos principais pontos - de forma mais justa colaborando assim com a oportunização de emprego e com a redução de um desenvolvimento desigual.

Além disso, locais urbanos também são locais originários de um povo, e a representação de uma comunidade e por isso o turismo nesses lugares poderá possivelmente impulsionar a educação com a promoção de encontros interculturais, a diversificação da oferta turística através da criação de uma experiência autêntica, com a estimulação de revitalização de lugares urbanos sejam históricos ou não. Além disso, reforça a utilização do turismo como vetor de resistência ajudando em diversos casos como forma de abrandar a especulação imobiliária que é um dos maiores detentores de entraves do desenvolvimento social.

Diante disso, quando perguntados na pergunta 10 do instrumento de coleta de dados (Ver Apêndice I) acerca de como enxergam o turismo dentro de uma comunidade na cidade, os participantes vão enxergar o Turismo de Base Comunitária como possível na comunidade que é caracterizada em contexto urbano. Para *MML 03*: “- é um projeto possível, [...] como a gente escutou aqui, tem várias formas, né? De a gente poder agregar aqui o turismo na comunidade.” Ademais, o desenvolvimento do turismo em uma comunidade de zona urbana acaba por ser algo interessante aos olhos do grupo, por ser tratar de uma região geograficamente central e de paisagem privilegiada da cidade do Natal que pode ter seu protagonismo enquanto comunidade com seus saberes e fazeres. Para tanto, *MML 01* diz que o TBC representa: “- O despertar de uma dança, de uma música, porque tudo isso a gente tem aqui, de um artesanato”

E as lideranças corroboram, LD1 acredita que a história seria algo interessante para o turismo, o entrevistado LD1 faz um apanhado breve indireto acreditando que a história se sobressaindo aos demais quesitos, a localidade ser de zona urbana não seria um impedimento “Bom, como eu disse, acredito que a base do turismo é a história e se ter um bairro dentro de um local de cidade não seria um problema desde que sua história e as demais coisas sejam interessantes de se conhecer e visitar”. Além disso, acredita que se pode existir um modelo que “a gente pode pensar na cidade a partir da periferia” que seria algo interessante de se replicar e conhecer.

Mesmo para LD2 às vezes soar como utopia, o entrevistado ainda acredita que o turismo para Mãe Luiza poderá trazer questões positivas, claro que quase sempre, isso seria aliado ao crescimento econômico que a atividade turística pode proporcionar e por ser um bairro mais carente com o Índice de Desenvolvimento Humano baixo se torna ainda mais importante e visado pelos moradores, mas ainda assim entende que o turismo dentro de uma comunidade urbana pode funcionar desde que bem coordenado.

Acredita que o lugar onde a atividade turística vai ser desenvolvida não seria o principal, mas o conteúdo dessa atividade e como seria agregador para as duas partes, LD5 -“Acho que o lugar não importa tanto, mas o que vai ser feito nesse lugar, [...] acredito que seja uma moeda de troca e precisa ser algo interessante para os dois lados, tanto para quem proporciona como para quem visita”.

LD4 relata que não é algo que o atrai, mas entende que isso pode atrair outras pessoas, LD4 -“Não é algo que eu queira fazer, mas acho que tem gente pra tudo”. E destaca que precisa ter algo propício para deixar essas pessoas mais dias e foca na renda que a atividade

pode gerar “acredito que tem que ter algo interessante para essas pessoas fazerem e ficarem nesses locais. [...] essas pessoas ficando mais tempo, gastam mais dinheiro e isso é bom pra o lugar, para as pessoas do lugar”. Então finaliza acreditando ser positivo, LD4 “para quem não tem nada e surge uma coisa pormenor que seja, já vai ser bom. [...] para quem não tem nada, é uma esperança de trabalho, de ser alguém”.

5.3.4 Desenvolvimento de Estratégias para Implementação de Turismo de Base Comunitária no Bairro Mãe Luiza;

Ao se tratar sobre o desenvolvimento de estratégias que consigam implementar o Turismo de Base Comunitária em Mãe Luiza, considera-se que desenvolver uma atividade de turismo em uma zona não é tarefa fácil, mas diante do universo dessa pesquisa, os entrevistados - moradores e lideranças - demonstram empolgação com o que o turismo pode trazer de benesses e pensam que nesse sentido boa parte do que já consta e é rotineiro em Mãe Luiza poderá auxiliar no decorrer das estratégias para o desenvolvimento da atividade.

Nesse caso, o grupo vai lembrar alguns atrativos que acabaram por ser citados anteriormente como por exemplo o farol, artesanato, casa de mães, quadrilhas, capoeira, eventos, escadarias, feira, escola de samba, as trilhas. Tem-se como exemplo a fala de MML 07 : “- o farol, os grupos de artesanato”, a experiência do turismo em outras comunidades também surgem com MML 03: “- Pega os próprios mototaxistas, vamos fazer aqui um tour por Mãe Luiza, aí a pessoa sobe na garupa da moto e vai pelas quebradas conhecendo. É, igual como fazem lá do Rio de Janeiro, o pessoal sobe, as comunidades”, Ou seja, a comunidade acredita que além de atrativos, existem vivências para serem conhecidas e valorizadas no bairro.

Mesmo aparentando em diversos momentos não acreditar em questões voltadas ao bairro, na pergunta 9 (Apêndice I) se demonstra positivo quanto ao uso do bairro para o turismo mas que acredita que as pessoas do bairro irão resistir em momentos para trabalhar com o turismo e mostrar a realidade, LD4 -“Cara, acredito que aqui quase tudo pode ser usado para o turismo porque é nossa realidade. [...] o que eu acho difícil são as pessoas daqui entenderem isso e mostrarem sua realidade”. Ainda vai destacar que mesmo com muita coisa interessante no bairro, a violência pode ser um aspecto difícil de lidar nesse trabalho do turismo na comunidade, LD4 -“[...] a violência ainda é um ponto que pode prejudicar o turismo aqui, [...] mas infelizmente é uma realidade que convivemos”. E destaca assim como

outras pessoas, as mesmas atividades “acho que seria legal aqui mostrar nossa cultura, nossa realidade de ensaios, de atividades, nossos esportes no ginásio, usar dos morros, da nossa cultura. [...] mas ainda precisamos de estrutura e espaço para isso”

Apesar de ter elencado itens em perguntas anteriores, o entrevistado LD1 passa a ser incisivo colocando que entende a história como principal fator que pode ser aproveitado pelo turismo “A história. A base do turismo é a história. Há dois anos atrás, nós lançamos o livro sobre a história de Mãe Luiza. Mãe Luiza construindo otimismo. E a gente conseguiu trazer Paulo Lins para ficar aqui fazendo a sua pesquisa de campo” continua explicando que o que pode acontecer com Mãe Luiza poderia ser replicado no mundo todo “O que é feito aqui em Mãe Luiza pode ser replicado em qualquer lugar do mundo.”. Neste caso, ainda cita o folclore, os personagens da comunidade: LD1 - “Quanta história que vai se transformando em folclore. Quanta história bonita de personagens que temos aqui” e reitera que o principal é a disseminação da história local “Imagina se alguém tivesse interesse em escutar a história dos ancestrais. Então a base para o turismo é a história”.

LD2 cita as vivências que em caso de organização, a comunidade pode proporcionar para esses visitantes, mas o entrevistado mais uma vez destaca que precisa ser algo coordenado “O turismo, para ele trazer, primeiro a gente tem que ter algo atrativo e coordenado” e complementa citando pontos que ele julga importantes para o processo de turistificação na comunidade, “nós temos aí o ponto turístico, que é o farol [...], trilha de caminhada aqui no morro, [...] As capoeiras [...], As próprias quadrilhas, [...] Escola de samba”. E comenta que se a comunidade se motivar, torna-se algo muito positivo pois aumenta a participação de acordo com o que ele já vivenciou dentro do bairro. Apesar de citar diversas coisas que produzem dentro do bairro, ele traz o aspecto negativo ser a gastronomia no sentido de que não se existe um espaço propício para recebimento das pessoas que visitam o bairro, ou seja, um ponto de apoio melhor estruturado.

Diante disso, a singularidade do bairro e o intercâmbio cultural que pode ser oferecido são pautados como aspectos tangíveis de uma estratégia bem elaborada na qual os moradores podem acreditar que o desenvolvimento pode ser algo mais palpável. Com isso, percebe-se que a fundamentação acontece na participação ativa da comunidade na gestão e na apropriação dos benefícios gerados pela atividade turística (Coriolano, 2006; Irving, 2009).

Quadro 03: Desenvolvimento de estratégia de TBC

Premissa (TBC)	Como se aplica	Realidade do Bairro	Desenvolvimento da estratégia
Autogestão	A comunidade deve planejar e gerir toda a atividade	Não atendido	Oficinas participativas para criação de estatuto de TBC no bairro; investimento no bairro
Cooperação	Focar em objetivo comum e fortalecimento do senso de coletividade	Parcialmente	Programas de formação comunitária voltados para o turismo; auxílio do poder público
Solidariedade	Relação de confiança bem estabelecida e coesão social	Parcialmente	Resgate da identidade local e reforço do orgulho comunitário; Apoio com a universidade e redes de TBC
Responsabilidade Socioambiental	Preservação, sustentabilidade e gestão ambiental aliadas a ações do turismo	Parcialmente	Buscar apoio e acordo com órgãos para mapeamento de trilhas e formação de condutores locais para organização e respeito ligado ao território
Interculturalidade	Trocas e vivências de cultura no ambiente do bairro. Respeito e valorização de culturas	Atendido completamente	Apoio do instituições para projeto de roteirização turística; Criar roteiros culturais e oficinas e apresentações
Equidade Social	Distribuição de recursos e benefícios de maneira proporcional	Não atendido	Busca por projetos que ajude na oferta de cursos e qualificação de pessoas e do produto voltados ao TBC

Fonte: Autoria própria (2025)

Diante disso, para instigar e colaborar com o desenvolvimento de estratégias que possam ajudar a dar início ao processo de construção do Turismo de Base Comunitária no bairro de Mãe Luiza, alguns pontos podem ser elencados. Se compreende que para a execução de um desenvolvimento endógeno, o desenvolvimento exógeno precisa ocorrer no começo como forma de impulsionamento para a consolidação da atividade nos moldes do TBC, por isso, se corrobora que os vínculos com redes de TBC, o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, apoio do Sebrae para auxílio no processo de roteirização, são intrínsecos na consolidação da atividade turística. Ademais, a busca incessante por projetos que podem auxiliar na oferta e na qualificação do produto e de pessoas para o turismo também são compreendidos como ponto de apoio para o bairro.

De acordo com o histórico do bairro de lutas, resistência onde a cultura popular se destaca, pode-se citar um planejamento participativo para definir a hierarquia de cada ponto para a comunidade. Se percebe que muitos possíveis atrativos são citados ao decorrer da pesquisa, mas compreender o quanto eles são importantes e mapear de acordo com a hierarquia de cada um se torna um ponto importante nessa construção da atividade turística.

Diante do que foi dito ao serem perguntados como “De que forma pode se trazer o turismo para a comunidade?” (Pergunta 8, apêndice I), se percebe um momento onde discorrem sobre organização comunitária e para isso, o que possivelmente poderá ajudar é a criação de um conselho focado no desenvolvimento do turismo na comunidade para gerir e garantir a implementação das ações dentro do bairro. Além disso, cita-se a criação de espaços culturais que na comunidade ainda são poucos ou nenhum que consigam efetuar suas atividades, e isso seria, possivelmente, um dos mais difíceis de ser conquistado pois entendem que dependem de outrem.

Não obstante disso, definir um roteiro onde se valorize a memória e a resistência do bairro através de sua história contada, acredita-se que seria um ponto chave para o início da difusão do turismo dentro da comunidade sem a perda da valorização cultural. Quando perguntados sobre de que forma pode se trazer o turismo para a comunidade? (Pergunta 8, apêndice I) torna-se perceptível que o grupo enxerga um potencial gigantesco no bairro, porém acreditam que sempre necessitam de ajuda externa para conseguir alavancar e dar início ao turismo no território. Por isso, quando perguntados sobre como trazer o turismo pra comunidade acreditam que através de parcerias, como dito por *MML 01* : “- é uma parceria né, formar parcerias e buscar junto” e além disso, cita a criação de espaços/estruturas para viabilizar a visitação e execução de atividades “potencial a gente tem, né?! só falta estrutura”. *MML 02* vai além de corroborar, cita que falta chamar e direcionar esse público: “- acho que falta, do bairro mesmo, chamar os turistas. Acho que tem que ter uma pessoa específica, tipo uma pessoa que está na frente para ir lá”. Ou seja a criação de roteiros para direcionamento também é um pensamento do grupo.

As lideranças entrevistadas também corroboram com esse pensamento *LD1* cita indiretamente algo já citado em outras questões como a ampliação e aumento de valorização e do senso de pertencimento *LDI* -“valorizar a própria comunidade de modo que ela se conheça a si mesmo” além de citar que a criação de roteiros e organização da gestão do turismo “a gente tem conversado aqui pra preparar a própria comunidade, já tem até a indicação de ter roteiros, um roteiro da educação, um roteiro da saúde, um roteiro social, da arquitetura”,

apesar de concordar que a comunidade tem um orgulho e interesses para o turismo muito interessante, acredita que ainda precisa avançar um pouco mais “ Ainda precisa dar um avanço muito grande, [...] eu acho isso um pertencimento muito bom, eu acho que é de um avanço grande na compreensão da mentalidade”. Ou seja, organização da comunidade, criação de roteiros aliado a valorização comunitária e divulgação seria algo intrínseco para se trazer o turismo até o bairro no entendimento do entrevistado.

LD5 vai destacar que necessita do apoio e principalmente da organização da comunidade em prol desse foco, LD5 -“Acredito que aqui a gente precisa mais do apoio público e de organização, [...] a gente tem tanta coisa boa mas precisamos organizar em como mostrar isso”. E vai além, informa que visitou outros lugares e ele, enquanto um dos produtores e promotores culturais também destaca que pode ser feito algo parecido na comunidade, “Fui a Recife e lá se destaca o frevo, já visitou a embaixada dos bonecos?! Imagine se isso acontece aqui em nosso bairro com nossos destaques culturais (quadrilhas, escola de samba, capoeira e outros), [...] isso chama o turista para conhecer um pouco da gente”.

LD3 corrobora que precisa se pensar e estruturar melhor nesse sentido, mas “apresentações culturais semanalmente ou a cada 15 dias” e cita que a dificuldade seria o lugar onde essas apresentações poderiam ocorrer que é uma dificuldade em formato geral para o pessoal que produz cultura no bairro. Entende que a inclusão dentro da comunidade “seria de extrema importância primeiro estruturar e organizar os grupos antes de se aplicar para o turismo”.

Para isso, ele compreende que “O turismo, para ele trazer, primeiro a gente tem que ter algo atrativo e coordenado”. Ou seja, a ideia principal é que sejam feitos atrativos com mais consistência para o uso, pois assim os turistas iam enxergar a concretização dos atrativos e iriam se interessar por conhecer o bairro. Nesse sentido, traz também que espaço focado na apresentação e ensaios para manifestações culturais no bairro pode ser uma estratégia de trazer o turista, LD2 -”As capoeiras, ter seu ponto de encontro horário, né? [...] As próprias quadrilhas têm um local adequado para ir ensaiar [...] traga hoje alguns turistas que querem conhecer, né? Dançar, participar de uma atividade de ensaio da quadrilha lá no espaço”.

LD4 entende que o interesse teria que vir de algo bem estruturado e em hipótese alguma “esse turismo teria que vir através de líderes comunitários”. Complementa informando que há diversas formas de trazer esse turismo, e, uma delas é através da cultura que - em tese - chamaria as pessoas para visitarem mas teria que deixar a renda reinvestida na

cultura para criar um ciclo mais tangível e executável “talvez a criação de um núcleo onde as verbas pudessem ser destinadas para as pessoas certas”. Além disso, cita sobre a estratégia de marketing conhecida como “boca a boca” que é a divulgação através de atrativos estruturados e roteiros definidos para o bairro, sempre colocando para a cultura que para o entrevistado soa como um dos aspectos mais importantes. E complementa que no lugar de levar o espetáculo até os hotéis como era feito em momentos anteriores, “poderia se pensar estratégias como um polo cultural com dias de apresentações culturais para trazer esse pessoal para o bairro”.

Caso seja de interesse comunitário, pode-se pensar na inserção de turistas em eventos culturais, e em caso de não existir ainda, proporcionar em comum acordo uma agenda com eventos para a comunidade ter ciência.

Outro ponto importante seria a criação e manutenção de áreas comuns com infraestrutura mais robusta para auxílio desses turistas. Apesar de Mãe Luiza está próximo do centro da cidade e de zonas com maiores índices de desenvolvimento, além disso, ter posto de saúde, contar com companhia de polícia, pontos de ônibus, sente uma falta de amparo maior no quesito infraestrutura, mesmo existindo, confessa que se percebe ainda uma estrutura um tanto quanto deficitária. Então efetivar melhorias e implantar uma melhor sinalização e com processos de reeducação, entende-se que poderia haver o desenvolvimento bem definido da atividade turística.

Por fim, indica-se efetuar estudos para limitação da capacidade de carga, já que, em consonância com as premissas do MTUR para o Turismo de Base Comunitária a redução de impactos sociais e ambientais são intrínsecos para a atividade e efetivar o monitoramento desses possíveis impactos pode ajudar a nortear a tomada de decisões da gestão como um todo.

5.3.5 - Limites e Possibilidades do Turismo de Base Comunitária em Mãe Luiza

Para o TBC e seus aspectos basilares pode-se perceber que os documentos do MTUR Brasil (2023a) e Brasil (2023b) ponderam diretrizes para o desenvolvimento da atividade turística com foco na gestão de um turismo voltado para o protagonismo da comunidade. Desenvolver a atividade turística no bairro de Mãe Luiza se considera um desafio constante e diário (Arruda & Gonçalves, 2020, p. 116) devido ao alto nível de segregação e exclusão do bairro e a estigmatização violenta que se criou do bairro. Em suma, enquanto limite compreende-se que a falta de assistencialismo do estado que, em tese, para uma zona urbana

deveria ser algo mais presente, se torna impeditivo para o desenvolvimento da atividade, tendo em vista que mesmo sendo um bairro característico da zona urbana, a precariedade de serviços públicos torna o bairro em um local de enorme potencial mas de pouco aproveitamento. Esses impeditivos não ocorrem somente em formato assistencial do poder público, mas, pode-se observar que as estratégias para a difusão do Turismo de Base Comunitária ainda têm aspectos dificultosos (Arruda & Gonçalves, 2020).

Algo que é possível perceber como algo latente nas respostas é a insatisfação com a governança interna da comunidade e a forma como se conduzem os processos internos hoje, ou seja, não se identifica uma organização nas ações voltadas para o turismo na comunidade e isso revela um local com pouca ênfase na atividade turística que, de acordo com a visão dos moradores pode ser melhor aproveitada.

Por ser um bairro característico do cinturão urbano de Natal - e mesmo às margens de todos os processos de desenvolvimento - ainda recebe o mínimo do desenvolvimento natalense com a construção da via costeira e por isso é possível identificar que Mãe Luiza não têm problemas citados relacionados para a questão de acessos até o bairro. Além disso, como algo facilitador, mesmo com o distanciamento de políticas públicas e pouca presença do estado, postos de saúde que são aptos para atendimentos basilares subsistem no bairro juntamente às escolas que formam os jovens do bairro.

A precariedade das infraestruturas de saúde e educação oferecidas à comunidade não raro impede uma inserção plena e efetiva das pessoas na lógica do turismo comunitário no território, fazendo com que o oferecimento dos produtos turísticos pela comunidade não seja regular e de qualidade. (Arruda & Gonçalves, 2020, p. 115).

Ademais, compreende-se que mesmo com as vontades dos moradores do bairro de Mãe Luiza em se efetivar o Turismo de Base Comunitária na comunidade, estão alheios aos processos de organização comunitária, incluindo nesse sentido a governança do bairro.

Com isso, se percebe que o bairro ainda não atende totalmente todas as premissas impostas pelo Turismo de Base Comunitária, mas entende-se que atender todas as diretrizes seria algo utópico do planejamento e gestão da atividade. Nesse caso, atender parcialmente todas as demandas e compreender quais seriam as que necessitam de atenção e desenvolvimento seria o caminho para o desenvolvimento da atividade turística em áreas urbanas.

Quadro 04: Limites e Possibilidades do TBC em Mãe Luiza

Limites		Possibilidades	
Quais?	O que gera?	Quais?	O que gera?
Violência, criminalidade	Cultura do medo; Pouca ou nenhuma visitação	Atividades culturais	Valorização e reconhecimento cultural; Uso como produto turístico comunitário
Falta de organização comunitária	Dificuldade para reconhecer o turismo enquanto vetor de desenvolvimento e provedor de recursos para o bairro e a comunidade	Trabalho social continuado	Coesão social e eventuais produtos turísticos comunitários, de cunho cultural e/ ou religioso; Senso de pertencimento valorizado
Governança interna indefinida	Sem políticas públicas; Sem financiamento; Processos internos pouco definidos; sem ações coletivas	Atrativos e paisagens naturais	Valorização e senso de pertencimento do território; Constituição de produto turístico através das trilhas e do Parque das Dunas
Gestão não-participativa	Dificuldade para inserção no turismo; Pouca adesão comunitária ao turismo	Vivência autêntica no bairro	Coesão social, valorização da cultura e do território, além de as experiências autênticas constituírem produtos turísticos comunitários
Infraestrutura deficitária	Má qualidade de atendimento; Má qualidade nos serviços essenciais; Falta de acessos; Qualidade de vida prejudicada	Gastronomia	Geração de renda; Criação de produto voltado ao turismo

Recuperado e adaptado de Quadro 1 - Limites e potencialidades do turismo comunitário em São José da Serra, de Arruda e Gonçalves, 2020, (<https://www.scielo.br/j/inter/a/5FTBLNT7CMGRNBnVpTddxdh/?format=pdf&lang=pt>)

Para esta pesquisa, compreende-se que a superação dos limites para a execução do TBC em Mãe Luiza, ainda se necessita de ações de cunho endógenas e exógenas (Arruda & Gonçalves, 2020) nos seus primeiros estágios, principalmente quanto ao poder público como

facilitador e regulador da viabilização de infraestruturas que possam auxiliar a atividade no bairro.

A reflexão proposta advém boa parte de constatações empíricas, e entender Mãe Luiza como um lugar urbano mas periférico nos faz refletir acerca de localidades tradicionais em cinturões urbanos que ainda não desenvolvem o Turismo de Base Comunitária mas que são potenciais lugares propícios para a atividade, além de compreender que nas últimas décadas, a demanda busca por lugares diferentes e autênticos para se viver em novos moldes a atividade turística. Zaoual (2008) portanto, corrobora que a “clientela procura verdadeiros sítios que combinam a autenticidade e a profundidade do intercâmbio intercultural, além da harmonia com a natureza e a memória dos lugares.” (p. 3)

Nesse sentido, ser um lugar de trocas mútuas (Brasil, 2023a) é algo intrínseco ao bairro de Mãe Luiza e sua comunidade. Esta perspectiva advém do potencial social e cultural que a comunidade tem como característica. Além disso, o ambiente se revela como uma possibilidade de se alcançar a interculturalidade em seu estágio pleno de realização, visto que, as variadas culturas atuantes no bairro podem desfrutar de seus momentos, sem a sobreposição de culturas.

Portanto, diante dos relatos dos entrevistados, se reconhece que Mãe Luiza estaria apta parcialmente para o desenvolvimento da atividade, mas entende-se que precisa continuar avançando em outros itens das premissas colocadas pelo Ministério do Turismo. Quando se pergunta a todos os moradores envolvidos nessa pesquisa como pode trazer a atividade turística para a comunidade, os entrevistados elencaram pontos de melhoria mas compreende que o bairro, pode receber o Turismo de Base Comunitária mediante organização prévia e de primeiro momento com ajuda de atores externos que possibilitem e viabilizem os passos iniciais para a execução do TBC no bairro de Mãe Luiza.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo de Base Comunitária em Mãe Luiza pode se efetivar como uma alternativa de desenvolvimento social onde seria possível diminuir o desenvolvimento desigual, superar a concorrência e fortalecer o senso de pertencimento e a identidade comunitária. Diante do cenário de crescimento do Turismo de Base Comunitária como forma alternativa da atividade turística de massa espera-se que os limites e possibilidades para se desenvolver uma comunidade local e mais ainda para esta pesquisa em áreas urbanas à luz das premissas do

Ministério do Turismo no Brasil (MTUR) possam trazer novas perspectivas de desenvolvimento e de inclusão.

Enquanto limites da comunidade a pesquisa de modo geral evidencia o quanto a comunidade se aproxima das premissas propostas pelo Ministério do Turismo (MTUR), sendo estes importantes princípios que irão nortear o modelo de gestão de TBC em uma localidade que tem o interesse de desenvolver a atividade turística em tais modos.

Enquanto possibilidades, essa pesquisa destaca o desenvolvimento local e revela através de pontos importantes de respeito a vivência e perspectiva local de se ter um modelo de gestão da atividade turística que consiga ser mais responsável, participativo e associativo.

Além disso, entende-se que a pesquisa conseguiu gerar contribuições no sentido de se entender até que ponto as premissas do MTUR estão sendo alcançadas e como fazem sentido para comunidades que buscam o desenvolvimento turístico de forma sustentável e responsável.

Os resultados no atendimento das premissas, conseguem destacar que a comunidade se aproxima parcialmente da autogestão sendo gestora e mantenedora de recursos próprios, além de formar líderes próprios da comunidade capazes de dar continuidade a uma gestão sustentável em todos os sentidos. Nesse sentido, também os resultados evidenciam a forma como se desenvolvem as relações da comunidade em busca de algo em comum, além de se entender como se estabelece a relação de confiança dentro da comunidade. Nesse sentido, destaca-se as ações de preservação ambiental que a comunidade adota ou não, mas a busca por esse objetivo. Além de entender como se enxerga a diversidade de culturas dentro da comunidade e compreender que as oportunidades de acessos são distribuídas de forma que seja o mais proporcional possível até atender todos, mesmo que ainda se configure como algo utópico.

Ademais, espera-se que se gere debates e próximas discussões de uma iniciativa de Turismo de Base Comunitária na região em que se destringe o lócus desta pesquisa. Com isso, sugere-se o desenvolvimento de estratégias para a implementação do Turismo de Base Comunitária na comunidade.

Enquanto as implicações práticas, compreende-se que os resultados contribuem para a proposição de ações estratégicas, permitindo que se estruture o Turismo de Base Comunitária em uma comunidade socioeconomicamente desfavorecida que enxerga no turismo uma das saídas para a mitigação de problemas sociais. Desse modo, também espera-se que esse estudo possa levantar novos horizontes acerca da temática da pesquisa. Entendemos que diversas

questões podem se levantar enquanto implicações desse estudo ou da região, para os próximos estudo sugere-se a inclusão da pauta de segurança pública no TBCAU, além de elencar conflitos possíveis entre autóctones e os interesses do mercado turístico, como construir perspectivas de um olhar sobre um território de TBCAU e entre outras questões que podem e necessitam serem levadas em consideração. Apesar disso, esse estudo consegue analisar os limites e possibilidades de se desenvolver o TBCAU em uma zona urbana e desfavorecida e ter o foco nas premissas do MTUR. Concluimos essa etapa da pesquisa reconhecendo a importância de avançar em novas perspectivas sobre o tema.

7. REFERÊNCIAS

- Alban, M. (2006). Turismo no Brasil: a estratégia de expansão espacial e seus problemas. *Turismo - Visão e Ação*, 8(2), 301-308. <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/292>
- Arruda, D. de O., & Gonçalves, J. P. (2020). Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de Turismo de Base Comunitária em um território quilombola. *Interações*, 21(1), 107–123. Recuperado de <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1968>
- Azevedo, M. L. N. de. (2013). Igualdade e equidade: qual é a medida da justiça social?. *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior (campinas)*, 18(1), 129–150. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000100008>
- Bergoc, G. (2020). Cooperação e desenvolvimento regional. *Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa*, 19(36), 56-81. Recuperado de <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1413>
- Bezerril, A. L. de O., & da Silva, M. J. V. (2022). Muros invisíveis?: Processos de integração/segregação entre sujeitos no entorno da escadaria de Mãe Luiza, e as praias de Areia Preta e Miami em Natal/RN. *Revista Turismo e Sociedade*. 15(2), 282-301. 10.5380/ts.v15i2.86463. <http://dx.doi.org/10.5380/ts.v15i2.86463>
- Bottino, C. M. M. (2016). *Quem descobriu a favela?: a trajetória das agências de turismo nas favelas cariocas* [Dissertação de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas]. Fundação Getúlio Vargas Sistema de Bibliotecas. <https://hdl.handle.net/10438/17655>
- Bursztyn, I. & Bartholo, R. (2012). *O processo de comercialização do turismo de base comunitária no Brasil: desafios, potencialidades e perspectivas*. Sustentabilidade em Debate, 3 (1), 97–115. <https://doi.org/10.18472/SustDeb.v3n1.2012.7198>
- Bursztyn, I., Bartholo, R., & Delamaro, M. (2009) Turismo para quem? sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In R. Bartholo, D. G. Sansolo, I. Bursztyn (orgs.), *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (Cap. 4, pp. 76-91). Letra e Imagem. <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-base-comunitaria-diversidade-de-olhares-e-experiencias-brasileiras.pdf>
- Brasil. (2023a). Política Nacional de Turismo de Base Comunitária: subsídios e orientações técnicas.

https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/turismo-responsavel/PoliticaNacionalTurismo_Barreto_2023.pdf.pdf

- Brasil. (2023b). Turismo de Base Comunitária: Construção de indicadores para o alcance da agenda 2030 no Brasil. https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/turismo-responsavel/TurismoBaseComunitaria_indicadores_Barreto_2023_compressed.pdf
- Blackstock, Kirsty. (2005). A critical look at community based tourism. *Community Development Journal*. 40. 10.1093/cdj/bsi005. <https://doi.org/10.1093/cdj/bsi005>
- Calixto, L., (2008). Responsabilidade Socioambiental: Pública ou Privada?. *Contabilidade Vista & Revista*, 19(3), 123-147. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=197014588006>
- Cardoso, C. de O. (2020). Elementos de Autenticidade no Turismo de Experiência: Uma análise do guia Garupa Brasil Autêntico. [Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília]. Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM). <https://bdm.unb.br/handle/10483/27472>
- Castanheira, M. E. M., & Pereira, J. R. (2008). Ação coletiva no âmbito da economia solidária e da autogestão. *Revista Katalysis*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 116-122, jan./jun. <https://www.scielo.br/j/rk/a/LcX5tnsn7R7md9gVRMHsBVF/?format=pdf&lang=pt>
- Cejas, M. I., & De Mexico, E. C. (2006). *Tourism in shantytowns and slums: a new "Contact Zone" in the era of globalization*. *Intercultural Communication Studies*, 15(2), 224.
- CEMAT (2011). Glossário do Desenvolvimento Territorial. In *Conferência Europeia dos Ministros responsáveis pelo Ordenamento do Território do Conselho da Europa (CEMAT)*. Lisboa, DGOTDU. Disponível em <https://rm.coe.int/16806f7d5d>.
- Diário do RN (2024, 30 de janeiro). Berço da cultura na ponta do pé: Rocas ganha monumento ao samba. *Diário do RN*. <https://diariodorn.com.br/berco-da-cultura-na-ponta-do-pe-rocas-ganha-monumento-a-o-samba/>
- Dias, C. A. (2000). *Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*. 10(2). *Informação & Sociedade*.
- Ehrhardt, P. R. (2022). *A concorrência desleal no contexto das organizações*. [Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Fronteira Sul]. Repositório Digital da Universidade Federal da Fronteira Sul. <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5907>

- Feil, A., Strasburg, V., & Schreiber, D. (2016). Análise dos Eventos Históricos para a concepção dos termos Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável. *REDE - Revista Eletrônica do PRODEMA*, 10(1). Recuperado de <http://www.revistarede.ufc.br/rede/article/view/308>
- Ferreira, H. C. H. (2014). Turismo comunitário, tradicionalidade e reserva de desenvolvimento sustentável na defesa do território nativo: aventureiro-Ilha Grande/RJ. *Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo*, 8(2), 361–379. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v8i2.689>
- Fernandes, M. A. da S. (2022). *Mãe Luiza: a construção social do bairro*. Editora IFRN. <http://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2290>
- Fontoura, A. R. R., & Guimarães, A. C. de A. (2002). História da capoeira. *Revista de Educação Física/UEM*. Maringá, v. 13, n. 2 p. 141-150, 2. https://dirin.s3.amazonaws.com/drive_materias/1649677076.pdf
- Furtado, C. (1961). *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Fundo de Cultura.
- Furtado, C. (1974). *O mito do desenvolvimento econômico*. Paz e Terra.
- Furtado, J. S. (2003). Gestão com responsabilidade socioambiental: ferramentas e tecnologias socioambientais. Produção Limpa. <https://portalidea.com.br/cursos/348b1ae152c54b4ba6b53930bbdebedb.pdf>
- Gaffney, C. T. (2013). Forjando os anéis: A paisagem imobiliária pré-olímpica no Rio de Janeiro. *e-metropolis: Revista eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais*, 15, 8-24. http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/015/original/emetropolis_n15.pdf?1447896356
- Garcia, R. A. M. (2011). Economia solidária e condições de autogestão em empreendimentos econômicos solidários no município de Aquidauana – MS. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul]. Repositório da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1049>
- GIL, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6 ed., 216 p., São Paulo). Atlas.
- Gould, C. C. (1983). *Ontologia Social de Marx. Individualidad y Comunidad en la teoria marxista de la realidad social*. (Mariluz Caso trad.) Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1978). https://archive.org/details/gould-carol-c.-ontologia-social-de-marx-ocr-1983_202404/page/n7/mode/2up
- Irving, M. de A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível?. In R. Bartholo, D. G. Sansolo, I. Bursztyn (orgs.), *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (Cap. 6, 108-121). Letra e Imagem.

<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-base-comunitaria-diversidade-de-olhares-e-experiencias-brasileiras.pdf>

- Klepsch, L. (2010). *A critical analysis of slum tours: Comparing the existing offer in South Africa, Brazil, In-dia and Kenya*. Master in Sciences and Tourism Management – Université Libre de Bruxelles – Institut de Gestion de L’Environnement et d’Amenagement du Territoire – Faculte des Sciences.
- Lima, M. A. G. D., Irving, M. D. A., & Oliveira, E. (2022). Decodificando Narrativas de Políticas Públicas de Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o turismo de base comunitária (TBC). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 16, e-2094.
- Lins, L. dos S., & Silva, R. N. S. (2009). Responsabilidade Sócio-Ambiental ou Greenwash: Uma Avaliação com Base nos Relatórios de Sustentabilidade Ambiental. *Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 4(1), 91-105. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v4i1.13170
- Lustosa, I. M. C., & de Almeida, M. G. (2011). TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS: AUTO-GESTÃO E NOVO COLONIALISMO NO NORDESTE DO BRASIL. *Revista Geográfica da América Central*, 2 (), 1-15. <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820819.pdf>
- Machado, D.S.M. (2007). *Turismo de Favela e desenvolvimento sustentável: um estudo do Turismo de Favela no bairro de Vila Canoa, Zona Sul do Rio de Janeiro*. [Dissertação de Mestrado, PUC-Rio]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC-Rio. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10552@1>
- Mano, A. D., Mayer, V. F., & Fratucci, A. C. (2017). Turismo de base comunitária na favela Santa Marta (RJ): oportunidades sociais, econômicas e culturais. *Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo*, 11(3), 413–435. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v11i3.1314>
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2002). Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. In *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados*.
- Mendes, C. M. P. N. (2022). *Turismo de base comunitária como resposta ao turismo de massas*. [Dissertação de Mestrado em Turismo - Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, ESHTe - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/50544>
- Moraes, E. A., Irving, M. A., Pedro, R. M. L. R., & Oliveira, E. (2020). Turismo de Base Comunitária à luz da teoria ator-rede: novos caminhos investigativos no contexto brasileiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 122, 145-168. <https://doi.org/10.4000/rccs.10761>

- Mtapuri, O. & Giampiccoli, A. (2020). Beyond Rural Contexts: Community-Based Tourism for A Better Life in The City. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 8, 419-439. 10.30519/ahtr.690184.
- Nascimento, C. (2019). *A Autogestão Comunal. Lutas Anticapital*. https://base.socioeco.org/docs/2019_nascimentocomunal_final.pdf
- NATAL, Prefeitura Municipal do. (2012). Conheça melhor seu bairro: Mãe Luiza. https://portal.natal.rn.gov.br/storage/app/media/sempla/Mae_Luiza.pdf
- ONU, N. (2023). Nações Unidas marcam dia Global da Resiliência do Turismo. *ONU News: Perspectiva Global Reportagens Humanas*. <https://news.un.org/pt/story/2023/02/1810007>
- Oliveira, G. C. P. G. de (2007). Desenvolvimento endógeno e local : estudo do projeto urbanizador social de Porto Alegre/RS. [Dissertação de mestrado (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) Departamento de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC/RS. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3985>
- Paulics, V. (2001). Desenvolvimento local e redes de solidariedade. Instituto Pólis. <https://polis.org.br/publicacoes/desenvolvimento-local-e-redes-de-solidariedade/>
- Pereira, B. (2021) *Os impactos do turismo de massa na vida cotidiana: Um estudo de caso sobre Praia Grande - SP*. [Trabalho de Graduação Integrado (TGI) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Trabalhos Acadêmicos da USP. <https://bdta.abcd.usp.br/item/003041924>
- Porter, M. E. (2004). *Estratégia Competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência*. (Elizabeth Maria de Pinho Braga trad. - 2ed. - 9º reimpressão). Elsevier. (Trabalho original publicado em 1980).
- Prazeres, G. G. da S., & Lucena Filho, S. A. de. (2018). Quadrilhas Juninas: patrimônio cultural ou midiático?. *Revista Internacional De Folkcomunicação*, 16(36), 132–144. <https://doi.org/10.5212/RIF.v.16.i36.0008>
- Prefeitura Municipal do Natal. (s.d). Natal: Mapa Informativo. https://www.natal.rn.gov.br/storage/app/media/semurb/mapas-dados/MAPA_NATAL.pdf
- Ramos, M. (2013). Solidariedade, inovação social e empreendedorismo no desenvolvimento local. In *The Overarching Issues of the European Space*. (Eds. Faculdade Letras Universidade do Porto). 313-342. Porto. <https://hdl.handle.net/10216/100967>

- Rodrigues, F. I. (2021). *Overtourism –As novas e velhas questões do turismo de massa*. [Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Trabalhos Acadêmicos da USP. <https://bdta.abcd.usp.br/item/003051520>
- Sachs, I. (1986). *Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento*. (Tradução de Luiz I. de Vasconcelos e Eneida Araújo. São Paulo). Vértice.
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (Vol. 1). Edusp.
- Santos, M. N. C. A. (2018). *História da Reserva Jaqueira: Experiências da autogestão em etnoturismo*. [Monografia de Licenciatura Intercultural Indígena]. Repositório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.
- Sampaio, C. A. C. (2011). Perspectiva do turismo comunitário, solidário e sustentável. in Carlos Sampaio; Christian Henríquez; Cristiane Mansur (orgs.), *Turismo comunitário, solidário e sustentável*. Blumenau: EDIFURB, 23-30.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento com liberdade*. (Tradução. Laura Teixeira Motta. São Paulo). Companhia das Letras.
- Silva, A. (2016). Mobilidade urbana e equidade social: possibilidades a partir das recentes políticas de transporte público na Metrópole do Rio de Janeiro. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, 10(), 293-317. [dx.doi.org/10.17127/got/2016.10.014](https://doi.org/10.17127/got/2016.10.014)
- Soares, M. M., Oliveira, A. D. A. B., & de Carvalho, J. B. B. (2022). Um olhar sobre a quadrilha junina “Arraiá Padre Piná” enquanto opção de lazer no bairro de Mãe Luiza em Natal/RN. *Revista Brasileira Dos Observatórios De Turismo-Rebot*, 1(1), 171-189. <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/ReBOT/article/view/3970>
- Soares, L. C., & Correia, R. S. (2022, 5 de julho). Genealogia dos bairros: Mãe Luiza. *Natal das antigas*. <https://www.nataldasantigas.com.br/blog/genealogia-dos-bairros-mae-luiza>
- Souza, O. G. S. D. (2013). *Bairro Mãe Luiza: uma abordagem "legal" sobre a realidade local* [Bachelor's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/34664>
- Tabosa, F. J. S., Teixeira, K. H., Silva, D. M. F. da, Madalozzo, C. L., & Mayorga, M. I. de O. (2004). A importância do capital social e da solidariedade para o desenvolvimento local: um estudo de caso. [Apresentação de trabalho em evento]. Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER, 42. Cuiabá-MT. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5327>

- Weissmann, L. (2018). Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Revista Construção Psicopedagógica*, 26(27). 21-36.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542018000100004&script=sci_arttext
- Zaoual, H. (2008). Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?. *Caderno Virtual de Turismo*, 8(2), 1-14. <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/341>
- Zeger, A. (2010). Mercado e Concorrência: Abuso de poder econômico e Concorrência Desleal. *Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro*, 17(28), 47-68.
<http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/75057>

8. APÊNDICES

APÊNDICE I - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Elaborado pelo mestrando **Alysson Lucas de Oliveira Bezerril**, do Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como instrumento metodológico para coleta de dados da dissertação de mestrado, como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Turismo, sob a orientação do **Professor Dr. Guilherme Bridi**.

O instrumento de coleta compõe a pesquisa intitulada “**Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades no Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN**”, de cunho qualitativo. A entrevista em grupo tem o objetivo, analisar a correlação das premissas do Ministério do Turismo com a realidade do Bairro, além de propor uma discussão de Turismo de Base Comunitária em áreas urbanas e Desenvolver estratégias de implementação do Turismo de Base Comunitária no Bairro de Mãe Luiza. O questionário é composto por 10 perguntas abertas, aplicadas aos respondentes selecionados de acordo com os critérios da pesquisa.

Para fins deste estudo a amostra será considerada através da realização de grupo focal com entrevista semiestruturada, possibilitando ao pesquisador ao decorrer da entrevista fazer outras perguntas e/ou modificações que não estão no roteiro a fim de alcançar melhor assertividade nos dados coletados para melhor atingir os objetivos do estudo.

- 1- Qual a importância em desenvolver o turismo na comunidade?
- 2- Como você enxerga a liberdade da comunidade para tomar decisões? Qual a importância e como você enxerga a formação e permanência dos jovens? (*Autogestão*)
- 3- Quais e como se desenvolvem as relações entre os membros da comunidade para alcançar algo em comum? (*Cooperação*)
- 4- Você confia nos membros da comunidade? Se possível, faça um relato das experiências. (*Solidariedade*)
- 5- Se percebe alguma ação de preservação do meio ambiente da comunidade? (*Responsabilidade Socioambiental*)
- 6- De que forma você enxerga a diversidade cultural dentro da comunidade? (*Interculturalidade*)
- 7- Você acha que todos têm possibilidade de acessos a oportunidades dentro da comunidade? Porque você acha que isso ocorre? Com relação às crianças, elas têm as mesmas oportunidades para se desenvolver? (*Equidade Social*)
- 8- De que forma pode se trazer o turismo para a comunidade? (*Estratégias de implementação do turismo*)
- 9- O que a comunidade tem próprio dela mesmo que pode ser aproveitado pelo turismo? (*Estratégias de implementação do turismo*)
- 10- Como você enxerga o turismo dentro de uma comunidade na cidade? (*Iniciativa de TBC em área urbana*)

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: **Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades no Bairro de Mãe Luiza – Natal/RN**, que tem como pesquisador responsável **Alysson Lucas de Oliveira Bezerril** do Programa de Pós Graduação em Turismo (PPGTUR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como instrumento metodológico para coleta de dados da dissertação de mestrado, sob a orientação do **Professor Doutor Guilherme Bridi**.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é analisar os limites e possibilidades para o Turismo de base comunitária em áreas urbanas (TBCAU) no Bairro Mãe Luiza (Natal/RN), tendo como foco as premissas propostas pelo MTUR.

Caso decida participar a coleta de dados será por meio de grupo focal contendo X perguntas, com um tempo médio de aplicação de 2 a 3 horas (120 a 180 min). A coleta também contará com a gravação de voz para facilitar a análise de dados, assim como um termo de confidencialidade dos dados coletados para fins acadêmicos. A realização da pesquisa será em ambiente adequado e reservado para garantir a privacidade do participante.

Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos ao se tratar de perguntas que se referem a segurança de dados aplicados a empresa, caso o(a) senhor(a) se sinta desconfortável tem o direito de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que haja prejuízo para o respondente. Seguindo as Resoluções 466/2012 e 510/2016, que em todo o projeto de pesquisa existem riscos. Esses riscos poderão ser minimizados com a utilização do termo de confidencialidade da pesquisa.

Como benefícios da pesquisa você permitirá encontrar quais os limites e possibilidades do Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas em correlação com as premissas do MTUR e como esse modelo de gestão da atividade turística pode desenvolver localidades urbanas.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Alysson Lucas de Oliveira Bezerril, residente em Natal – RN, contatá-lo pelos contatos de e-mail alysson.bezerril.083@ufrn.edu.br e telefone 84 9 9691-3219.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa, você deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa UFRN - Lagoa Nova Campus Central (CEP Central/UFRN) - instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas, no telefone (84) 9.9193-6266 (WhatsApp) ou no e-mail cepufrn@reitoria.ufrn.br. Você poderá ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00min às 12h00min e das 14h00min às 18h00min, localizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), av. Sen. Salgado Filho, 3000, bairro Lagoa Nova. Natal/RN. CEP: 59078-900. Também é possível agendar atendimento por chamada de vídeo, conforme disponibilidade da secretaria. Ou ainda terá a possibilidade de contatar a Conep, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, através do telefone (61) 3315-5877 e do e-mail conep@saude.gov.br.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Alysson Lucas de Oliveira Bezerril.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa **Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades no Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Natal, ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo **Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades no Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN**, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido infringirei as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal, ____/____/____.

Alysson Lucas de Oliveira Bezerril
Mestrando em Turismo - PPGTUR/UFRN

APÊNDICE III - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Depois de entender os benefícios que a pesquisa intitulada **Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades no Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN**, que tem como pesquisador responsável Alysson Lucas de Oliveira Bezerril, do Programa de Pós Graduação em Turismo (PPGTUR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sob a orientação do **Professor Doutor Guilherme Bridi**, e ciente que os métodos que serão usados para a coleta de dados, como a necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Essa AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso do pesquisador em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição da minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;

5. Os dados coletados serão guardados por 6 meses, sob responsabilidade do pesquisador, e após esse período serão destruídos.

6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal/RN _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Alysson Lucas de Oliveira Bezerril
Mestrando em Turismo - PPGTUR/UFRN

APÊNDICE IV - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Depois de entender os benefícios que a pesquisa intitulada **Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades no Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN**, que tem como pesquisador responsável Alysson Lucas de Oliveira Bezerril, do Programa de Pós Graduação em Turismo (PPGTUR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sob a orientação do **Professor Doutor Guilherme Bridi**, e ciente que os métodos que serão usados para a coleta de dados, como a necessidade de uso de minha imagem, AUTORIZO, por meio deste termo a realizar o uso de minha imagem sem custos financeiros a nenhuma parte.

Eu, autorizo livre e voluntariamente, o pesquisador **Alysson Lucas de Oliveira Bezerril** a obter fotografias, filmagens de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. Conheço a pesquisa intitulada **Turismo de Base Comunitária em Áreas Urbanas: Limites e Possibilidades no Bairro de Mãe Luiza - Natal/RN** e concordo livremente em participar dela. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. As fotografias e vídeos ficarão sob a propriedade do pesquisador.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal/RN _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Alysson Lucas de Oliveira Bezerril
Mestrando em Turismo - PPGTUR/UFRN